O CORREIO

Director-Gerente
A. R. d'Azevedo Bastos

SEMANARIO MONARCHICO

Editor
Bento d'Oliveira e Silva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Passos Manuel, 177 - 1.º — Porto
Composto e impresso na Typographia Costa Carregal, travessa Passos Manuel, 27—Porto.
Agencia em Paris: Rue Feydeau, 26
Agencia em Lisboa: Largo de S. Paulo 12

Proprietario — MARIO ANTUNES LEITÃO

1.º ANNO — **N.º 5** — Avulso 20 rs.

Sabbado, 4 de Janeiro de 1913

ASSIGNATURAS — Portugal, Ilhas e Colonias: serie de 52 n.os, 1$000 reis — Serie de 26 n.os, 500 reis. Estrangeiro: (Paizes da União postal) — serie de 52 n.os, 15 francos (ou 3$000 reis). Serie de 26 n.os, 8 francos (ou 1$600 reis). Brazil: serie de 52 n.os, 6$000 reis (moeda brasileira) Sendo a cobrança feita pelo correio, acresce 60 reis para Portugal, Ilhas e Colonias, e 50 centimos (ou 100 reis) para o estrangeiro.
ANNUNCIOS — Na secção de annuncios: 50 reis a linha. Nas outras paginas: contracto especial.

SUMMARIO

—**Unidade Nacional**
—**Notas de um lisboeta** — **A creada do Snr. Theophilo** — ANSELMO.
—**Echos.**
—**A crise da Ideia Republicana** — AYRES D'ORNELLAS.
—**Entrevista com Saturio Pires** — JOAQUIM LEITÃO.
—**Phantasias** — **Questão do Oriente** — ANSELMO.
—**Chronica Militar** — S. P.
—**Carta de Lisboa** — RAUL.
—**Entrevista com Gustave le Bon** — JOAQUIM LEITÃO.
—**Chronica da vida nacional** — ANTONIO LANÇA.
—**Semana mundana**
—**Folhetim** — **A Chica** — **Em casa do major Sequeira** — ANSELMO.
—**Theatros.**

UNIDADE NACIONAL

Já houve uma escola historica que pretendeu explicar as discordias e as guerras civis na maior parte das nações europeias desde a Idade-Média, como sendo intermittentes e inconscientes explosões dos odios remotos, mas não extinctos, entre os representantes das diversas raças que occuparam successiva ou simultaneamente o solo ensanguentado do antigo Imperio Romano, e que os seculos ainda até agora não teriam de todo conseguido fundir umas nas outras.

Este criterio parece extremamente precario, ou desmesuradamente imaginoso; tem seus ares de familia, suas parecenças vagas com as descobertas da philosophia historica do sr. Theophilo Braga. Mas não ha duvida de que se esta *suprema lucilação da cerebração universal*, como agora chamam ao illustre vagalume, lucilasse para o lado da Monarchia em vez d'esguichar para o da Republica, poderia muito bem pegar na theoria, e d'aquillo que se passa em Portugal desde o advento do actual regimen tirar a favor d'ella argumentos bem mais ponderosos do que aquelles com que costuma abonar a maior parte dos seus assertos historicos.

Não se diria com effeito que a Republica — occasionando a livre expansão dos instinctos, da mentalidade, da moral, do sentimentalismo d'um relativamente avultado numero d'individuos, cujo sincero modo de ser vivia até ahi contido por coacções moraes e materiaes de varia especie — veio revelar a existencia, no seio da população portugueza, d'uma outra raça que fala a nossa lingua e apparenta mais ou menos os nossos traços physicos, mas que não tem a nossa alma, que é extranha á nossa sensibilidade como aos nossos costumes, como á nossa mentalidade normal, como á nossa moral, como ás nossas aspirações e ao culto da nossa tradicção historica, em toda a amplitude d'esta expressão?

E não iria jurar-se que, transitoriamente triumphante ao cabo de quartorze ou quinze seculos de taciturna e mal soffrida impotencia, esse residuo d'alguma velha horda barbara de alanos ou de vandalos está agora inconscientemente vingando com atavica furia sobre os descendentes do godo nobre, polido e humano, e do culto e doce arabe, as amarguras e os rancores da antiga derrota e da antiga servidão, ou saciando o odio innato d'essas tribus boçaes e violentas por tudo quanto era civilisação, moderação, estabilidade social, calmo progresso, amenidade e alegria da vida policiada?

Que póde haver, ethnicamente, de commum entre o selvagem que vae aguardar o prestito dos indefesos prisioneiros politicos para os aggredir e vilipendiar á sombra da mais garantida impunidade e o monarchico — como tantos houve! — que por occasião das successivamente mallogradas tentativas republicanas, abria a sua porta aos revolucionarios em fuga, só porque eram vencidos, e muitas vezes sem lhe perguntar o nome lhes tornava a sua casa em abrigo seguro e insuspeito ás inquirições do poder?

Pódem ser da mesma raça uma Ficalho, oriunda das mais altas dignidades da côrte, dando generosamente guarida e protecção a republicanos em fuga apoz uma revolução fracassada, ou uma Telles da Gama supportando com dignidade e nobreza esmagadoras as provações d'um encarceramento iniquo, e villipendioso... para os que o ordenam e um... um qualquer republicano, desde o ministro d'Estado até ao regedor da parochia, procurando anciosamente, obsediadamente, alguem a quem denunciar, alguem a quem comprometter, alguem a quem encarcerar, ou um qualquer d'esses antigos presos politicos no tempo da Monarchia, cujo primeiro movimento era pedir desculpa e prometter sob palavra d'honra que não tornava a ser menino mau?

Ha porventura alguma coisa de similhante entre o typo classico do *portuguez*, tal como o creou a abstracção das suas qualidades caracteristicas — bondoso, tolerante ás vezes até á indifferença, sentimental ás vezes até á pieguice, naturalmente intelligente, bem humorado, amigo das virtudes familiares, apegado á poesia das coisas do passado, ao seu adro, ao seu cruzeiro, ás suas arvores, assim como ás tradicções e aos usos da sua aldeia ou da sua cidade — e essa outra gente que passa agora como tromba devastadora sobre a terra portugueza, tresuando odios, inventando tormentos, achando virtuosismos de maldade e de perversão; gente de intelligencia romba e de coração arido e calcinado como a areia do deserto, ignorando o sorriso senão para chasquear dos fracos e indefesos, desconhecendo a palavra senão para regougar improperios e insultos, para uivar clamores de vingança e de sangue, affrontando propositada e raivosamente todas as nossas noções moraes, toda a série dos nosos affectos de coração e d'espirito, destruindo n'uma cegueira epileptica indifferentemente coisas, instituições, sentimentos, tradicções, costumes?...

Seja como fôr e pelo que fôr, o certo é que a *unidade nacional*, tão conveniente a todos os povos e indispensavel n'um pais pequeno e fraco como o nosso, foi violenta e subitamente quebrada pela Republica. Duas raças distinctas, ou duas categorias differentes de homens agindo como se fossem raças hostis, habitam hoje o territorio da nação.

Toda a solução politica que sobrevenha ha de ter como condição, ou o restabelecimento d'aquella antiga unidade ou, sendo elle impossivel, o triumpho da corrente mais forte, mais numerosa e socialmente melhor e mais util.

Notas de um lisboeta

A creada do Snr. Theophilo

No seu gabinete o grande historiador curva a fronte sobre o velho alfarrabio onde, ha já longas noites de vigilia, procura a prova irrefutavel da relação que existe, que elle *sabe* que existe, que *sente*, que *vê*, nitidamente, claramente, entre a visão de Affonso Henriques na batalha de Ourique e a influencia do Collegio de Campolide na perseguição aos liberaes.

Noites seguidas passára elle n'aquella investigação difficil, teimosamente, absorvido na consulta aos alfarrabios, mas n'essa tarde, quando se sentára á meza de trabalho, precebera-se-lhe logo uma preoccupação que lhe tinha o espirito rebelde á investigação paciente e minuciosa.

De vez quando o historiador illustre lançava um olhar rapido para um dos cantos da casa onde a edição das susa obras jazia, em monte, sob uma espessa camada de poeira. Por vezes levantára-se cautelosamente e, de ouvido a escuta, esperava attento. Depois n'um gesto de desanimo, voltava á meza de trabalho e, de novo, inclinava a fronte austéra sobre o alfarrabio.

Foram passando as horas.

Na egreja proxima, lentas e solemnes, tinham soado as doze pancadas da meia noite. Na sala ao lado o timbre ligeiro e vivo de um relogio repetira, sob a redoma de vidro, o toque pausado do sino da egreja. Depois novamente cahira sobre a casa o silencio.

O grande historiador murmurára entre dentes:

—Meia noite... e nada. Que terão elles ... que tanto se demoram... Só me falta um...

Voltou a curvar-se sobre o velho alfarrabio, mas por pouco tempo foi. Um ruido ligeiro, insistente, monotono, vinha do monte de livros poeirentos.

O homem illustre olhou, inclinando o corpo, apurando o ouvido. Depois cautelosamente, deslisou da cadeira para o chão, e, de gatas, com cuidados infinitos, mansamente, olhando fito os livros em monte, foi avançando, lento, para o canto da casa. De subito estacou, retezando os braços, erguendo firme a cabeça. Depois avançou de novo, mais lento ainda, mais cauteloso, e de chôfre, n'um salto, com um *miau!* estridente e involuntario, cahiu sobre os livros, com as mãos para deante, e erguendo-se logo triumphante com um ratinho na mão gritou:

—Maria... Maria... Já cá tenho o que faltava para a conta...

Uma creada velha, arrastando pachorrenta as chinellas, entrou, somnolenta e encolhida no chale:

—Olha, Maria, disse o grande historiador estendendo-lhe o rato que apanhára, põe isto lá dentro juntamente os outros... E podes ir deitar-te...

A creada olhava, somnolenta, o rato que o grande historiador lhe dera, e no franzido da testa percebia-se-lhe um trabalho mental difficil, por entre as ideias embrulhadas do seu acanhado espirito, mais obscurecido ainda pelo somno.

O sr. Theophilo do pé, junto da meza de trabalho, aguardava paciente, os resultados d'aquelle reflectir profundo.

Por fim a velha n'um esforço disse:

—Olhe lá, ó sr. Theophilo... Eu cá sou uma pobre de espirito que não percebe nada d'essas cousas... Mas, Deus me perdoe, parece-me que essa tal lei para acabar com os ratos, o que faz é com que elles augmentem cada vez mais...

O grande historiador, surprehendido, exclamou:

—O quê?!...

—Pois é claro, sr. Teophilo... Se a gente todos os annos tem que entregar ao fisco uma porção de ratos, só quem fôr tolo é que mata os que lhe ficarem depois de paga a decima...

Quem tiver dois dedos de juizo o que faz é creação d'elles, para que lhe não falte ratos no anno seguinte quando voltarem os homens do fisco... E então elles que não perdoam nada!...

ANSELMO

ECHOS

«O Correio»

O aceite que o nosso semanario tem tido e os incitamentos que de toda a parte temos recebido animam-nos a introduzir n'*O Correio* importantes melhoramentos e modificações de forma a tornal-o tão completo quanto possivel.

Assim muito brevemente desenvolveremos o corpo redactorial chamando a collaborar comnosco os mais brilhantes jornalistas monarchicos, ampliaremos todas as nossas secções.

Egualmente, logo que tenhamos concluidos os trabalhos necessarios para isso, modificaremos o formato d'*O Correio* e passaremos a publical-o duas vezes por semana.

Por fim, como remedio indispensavel aos defeitos resultantes do facto do nosso semanario ser escripto quasi exclusivamente por jornalistas hoje ausentes no estrangeiro, organisamos já para um dos proximos numeros uma mais larga collaboração de jornalistas residentes em Portugal, o que nos permittirá acompanhar com mais actualidade os acontecimentos que se forem sucedendo.

Embora o publico, d'uma forma clara e flagrante, nos tenha manifestado um enthusiastico auxilio e um decidido appoio, mostrando assim agradar-lhe o semanario tal como está, o certo é que *O Correio* não tem sido o que nós desejamos e projectámos que elle fosse.

Circunstancias varias, entre as quaes avulta a de ser este semanario quasi todo feito de longe, nos teem impedido de o apresentar tal como o pensámos.

Temos fé, porem, em que dentro de

muito pouco tempo, com as modificações que lhe vamos introduzir, e que o exito obtido mais nos anima a pôr em pratica, *O Correio* não só continuará a merecer o agrado com que o publico o tem recebido, mas conseguirá ser tal como o projectamos, o que para nós terá a vantagem de, agradando ao publico, nos agradar tambem a nós proprios.

Silencio

O sr. Dantas Baracho declarou o seguinte a um redactor das *Novidades:*

Eu queria, como sempre dei a entender no tempo da monarchia, e defendi, depois, proclamada a Republica, um regimen democratico... *Sahiu-me um* regimen aristocratico *e, então, lancei-me no silencio...*

A quelque chose malheur est bon.

Affirmação

O sr. Americo de Oliveira n'um artigo publicado nas *Novidades* declara que o sr. Palla, capitão de artilharia, fez n'um estabelecimento a seguinte cathegorica affirmação:

—O partido democratico,—podem todos ficar certos,—dará o *golpe de estado* no dia em que o quizer fazer; o dr. Affonso Costa tem o exercito na mão e, quando o pensar, pol-o-ha em cinco minutos na rua, sem que ninguem o possa impedir.

No dia seguinte no *Mundo* fazia-se referencia em termos elogiosos, ao artigo do sr. Americo de Oliveira, mas não vimos que retificasse a affirmação de que o sr. Palla pronunciara aquellas palavras, nem a affirmação que nas palavras do sr. Palla se continha.

Do exercito tambem não consta que houvesse sido pedida licença ao ministro da guerra para protestar contra aquella affirmação do sr. Palla.

Devemos pois concluir que estão todos de accordo em que o exercito está na mão do sr. Affonso Costa.

Pois cá pela nossa banda não seremos desmancha prazeres, e enthusiasticamente declaramos que está o exercito muito bem.

A flamma doirada

A *Republica* promette que o sr. Antonio José d'Almeida erguerá bem alta, para o sol, para a vida, para a victoria, a flamma doirada da Patria.

Em resumo: temos finalmente piloto para todos aquelles aeroplanos que ha tempos voltaram para os caixotes por não terem quem os dirigisse, pois a subscripção publica deu para seis aeroplanos, mas não deu para um aviador.

Apparece agora o sr. Antonio José d'Almeida.

Pois em verdade vos diremos que não queriamos estar na flamma doirada da Patria.

Duas cartas

Foram publicadas em todos os jornaes duas cartas trocadas entre o sr. dr. Manuel d'Arriaga, illustre Presidente da Republica, e o sr. dr. Duarte Leite, illustre presidente do conselho de ministros.

Na sua carta dizia o sr. Presidente da Republica desejar que, celebrando a festa da Familia, fossem amnistiados os bispos e que terminasse o regimen penitenciario para os presos politicos.

Na sua resposta dizia o sr. dr. Duarte Leite ao sr. Presidente da Republica,—que, como se sabe, desempenhou as funcções de Procurador Geral da Republica antes de ser eleito para o elevado cargo que occupa,—não poder ser alterado, a não ser por decreto votado no Parlamento, o regimen penitenciario, não estando pois essa alteração dentro das prerogativas que a Constituição dá ao Presidente, e não entender conveniente o governo que fossem agora amnistiados os bispos.

Lamentamos que a falta de espaço nos não permitta archivar nas columnas do nosso semanario esses documentos firmados pelas duas pessoas de mais alta cathegoria no paiz: o sr. Presidente da Republica e o sr. Presidente do Conselho de Ministros.

A Legação em Paris

E' positivo, e talvez seja já um facto quando estas linhas forem publicadas, que o sr. João Chagas deixa de ser ministro da Republica Portugueza em Paris.

E nós, francamente o dizemos, só temos que applaudir essa resolução tomada pelo author das *Cartas Politicas,* lamentando apenas que ella não fosse tomada mais cêdo, antes de se terem dado os factos deploraveis que assignalaram em Paris os ultimos mezes da sua angustiada carreira diplomatica.

O sr. João Chagas, que é uma pessoa intelligente, devia ter logo notado nos primeiros tempos que a sua nomeação não fôra bem recebida nem pelas altas personalidades francezas, nem pelo corpo diplomatico, nem pela colonia portugueza.

A frieza com que o tratavam nas recepções officiais e nas festas diplomaticas a que era forçoso convidal-o, por ser a falta de convite uma afronta flagrante, festas nas quaes, aliaz, lhe não davam, em nossa opinião, o logar que era devido ao representante de Portugal, e que só desde a nomeação do sr. João Chagas foi equiparado lamentavelmente ao dos representantes de vagas e longinquas republicas exoticas,—a frieza, diziamos, com que S. Ex.ª foi tratado logo de principio devia tel-o levado, por amôr proprio e por amor do paiz que representava, a procurar um pretexto para, sem desaire, dar o logar a quem melhor fosse recebido como representante da Republica Portugueza.

Isso ter-lhe-hia evitado serios desgostos como aquelle, que não pode deixar de o ter ferido profundamente, de se ter visto reduzido,—elle, homem de lettras de incontestavel valor, espirito educado e scintillante, tendo largos annos vivido em Paris,—a passar as suas noites no *Magic City,* especie de feira de Agosto com *todos los adelantos modernos,* emquanto os outros diplomatas, incluindo o restante pessoal da legação portugueza, andavam por todas as reuniões, eram convidados para toda a parte e em casa de todas as altas individualidades politicas, financeiras e litterarias, eram recebidos com todas as deferencias e considerações.

Ao espirito perspicaz do brilhante jornalista não podia ter passado despercebida esta differença de tratamento por parte dos politicos e literatos francezes, do corpo diplomatico e da sociedade elegante parisiense, e portanto tambem não podia deixar de lhe occorrer que lhe não seria propicia a atmosphera quando porventura,—ou melhor, por desgraça—qualquer facto especialmente para elle chamasse as attenções de outras pessoas que não fossem as *cocottes,* habituaes frequentadoras de *Magic City,* ou os estrangeiros alli idos nas noites de passagem em Paris, e a quem as creadas do botequim o apontavam desvanecidamente, por lhes parecer que á funcção dava um certo tom a presença d'um ministro plenipotenciario, alli installado a uma das mezas e tendo em volta um grupo que o escutava attento e interessado, grupo que provavelmente esses, estrangeiros suppunham ser tambem de diplomatas illustres, o que, felizmente, não se lembravam de averiguar.

Ora com surpreza nossa, pois somos dos que teem pela intelligencia do sr. João Chagas uma viva admiração, S. Ex.ª ao erro lamentavel de não ter retirado logo que percebeu a frieza com que era tratado, juntou a *gaffe,* a imperdoavel *gaffe,* de chamar para si as attenções do mundo politico e jornalistico francez, pedindo a expulsão de dois compatriotas seus, a quem accusava, não de conspirarem contra as instituições de seu paiz, não de por qualquer forma serem prejudiciaes aos interesses que S. Ex.ª representava junto do governo francez, mas sim de o estarem alvejando n'um jornal com ataques que no mundo politico e jornalistico cujas attenções o sr. João Chagas foi despertar, e no meio diplomatico em que devia viver, só se liquidam por uma de tres maneiras: ou pelo duello, ou pelo processo nos tribunaes ou pela indifferença.

Claro está que a estranha *gaffe* de tentar liquidar por um pedido, como ministro, de expulsão de compatriotas seus, os ataques de que, como particular, estava sendo alvo, chamou para o sr. João Chagas as attenções da imprensa franceza, que até então do ministro portuguez não se occupára,—nem mesmo nas suas secções elegantes, pois n'ellas não é de uso tratar-se dos bailes do *Magic City,*—e, como era de prever, logo S. Ex.ª, que é um brilhante jornalista, foi alvejado em varias locaes de alguns jornaes francezes, e principalmente n'um artigo violentissimo da *Autorité,* o que sendo já bastante lamentavel, mais lamentavel se tornou por ter então usado o sr. João Chagas do processo da indifferença como resposta a esse artigo que, por um deploravel acaso,—foi escripto precisamente por um jornalista para quem, nenhum dos celebres politicos, dos notaveis escriptores ou das importantes individualidades que com elle teem travado discussão ou por elle teem sido alvejados, julgou jamais sufficiente, como resposta, a indifferença.

E como se tudo isto ainda fosse pouco para lhe crear difficuldades á entrada no recanto do ceu reservado ás pessoas intelligentes, outra *gaffe* logo commetteu o sr. João Chagas: a de não marcar com uma retirada immediata, e para não mais voltar, o seu protesto contra o facto de ter tido que repetir uma segunda vez o pedido de expulsão d'esses seus compatriotas para que fosse effectivada a ordem que fora dada em seguida á sua primeira reclamação e que depois fôra revogada sem explicações, em conselho de ministros.

Essa retirada por ser immediata á expulsão dos dois jornalistas portuguezes, poderia ser explicada, com vantagem para S. Ex.ª, pelo facto de não querer o sr. João Chagas que fosse elle quem continuasse tratando, em nome do seu paiz, com pessoas a quem tivera que se dirigir uma segunda vez para que fosse satisfeita uma reclamação que todos os governos em todos os paizes teem satisfeito sempre e logo que ella lhes é apresentada por qualquer diplomata estrangeiro.

Não o entendeu assim, infelizmente, o snr. João Chagas, e antes preferiu demorar-se em Paris mais umas semanas, desperdiçando á meza do botequim *Magic City* aquelle seu brilhante espirito que, estamos certos, tão apreciado seria nos salões onde, em Paris, se reunem os diplomatas, os politicos, os literatos, os melhores nomes da França, e para os quaes, infelizmente, nunca o snr. João Chagas logrou convite, nem mesmo por intermedio do seu secretario de legação.

Mas mais vale tarde que nunca, e o saber-se que o snr. João Chagas abandona a legação em Paris, consola-nos um pouco das *gaffes* passadas, pela certeza de se evitarem assim as *gaffes*... que se seguiriam e que nem nos atravemos a calcular a que insondaveis abysmos levariam um homem que tão justa fama creára de intelligente e perspicaz.

Um alvitre

Raro é o dia em que não appareçam n'algum jornal, n'alguma revista ou n'algum folheto, em portuguez ou em lingua estrangeira, narrativas mais ou menos phantasistas do que foram ou deixaram de ser as incursões realistas, o que pode ser muito interessante para a Historia de Portugal que o snr. Theophilo Braga tenciona perpetrar, mas que se nos não affigura ser de uma opportunidade por ahi alem, tanto mais quanto essas narrativas são acompanhadas por informações tão minuciosas e por tão detalhada indicação de nomes, que muitas vezes se poderia julgar não se tratar de simples narrativa de um monarchico, mas antes do libello accusatorio de qualquer delegado da Republica no julgamento de algum conspirador, por tal forma os narradores parecem esforçar-se em tirar todas as duvidas que possa haver sobre se o snr. Fulano ou o snr. Sicrano conspirou ou não, tomou ou não tomou parte n'esta ou n'aquella incursão.

Que alguns conspiradores por sua livre vontade venham accentuar em documentos publicos que conspiraram, que conspiram e que conspirarão, pode ser uma orientação muito original sobre a significação exacta do verbo que assim conjugam, mas tem a desculpal-a o direito que a cada qual cabe de proceder como muito bem entende, mesmo quando entende muito mal.

O que porem nos não parece extremamente louvavel é que, pela ancia de palrar, cada qual entenda poder vir para publico,—desde que não tenha, como o tenente Valente ou o policia Magro, ou ainda o sargento Sant'Anna, nem magro, nem valente o proposito de denunciar,—explicar muito bem explicadinho que outros, que não só o narrador, conspiraram, o que trata logo de demonstrar com a descripção minuciosa do que cada um fez n'esta ou n'aquella circunstancia.

Exemplos ha de pessoas que muito tranquilamente tinham voltado a viver em Portugal e em Portugal continuariam vivendo, livres completamente das perseguições dos sens inimigos: os republicanos, se os seus amigos: os monarchicos, não tivessem desatado a explicar muito pelos miudos que esses Fulanos e esses Sicranos fizeram isto e mais aquillo e procederam d'esta ou d'aquella maneira quando se deu uma ou outra incursão.

Claro está que sobre o assumpto não pretendemos fazer quesquer considerações tendentes a mostrar que em todos os tempos, mesmo na edade da pedra, o silencio foi sempre de ouro, e de muito melhor ouro que aquelle que o Banco de Portugal diz ser o que o seu thesoureiro pagará ao portador da nota.

Queremos apenas lançar um alvitre que pode talvez conciliar a ancia palradora de alguns exilados monarchicos com a segurança pessoal d'aquelles que por acaso, aliaz muito pouco provavel dada a furia palradora, que a todos atacou—ainda pisem a terra patria.

E esse alvitre é o de mandarem os exilados monarchicos, que assim palram, ás pessoas a quem se referem no seu palrar, quando mais não seja um bilhete postal dizendo pouco mais ou menos isto:

Amigo Fulano: Acabo de o denunciar n'uma entrevista, artigo, ou noticia que vae ser publicada no jornal de tal. Raspe-se pois, emquanto é tempo, se não quer dar com os ossos na cadeia.

O amigo Fulano ficará encravado, é certo, porque não é muito agradavel ter-se de passar a viver no estrangeiro quando se deseja viver no seu paiz, mas em todo o caso poderá livrar-se do capuz cinzento de penitenciario, que é decerto muito mais angustioso de supportar de que o pão negro do exilio, por muito triste, por muito amargurado que seja esse exilio, como o tem sido para quem,—como aquelle que escreve estas linhas,—por esse mundo de Christo tem andado de olhos fitos no cantinho da Europa onde nasceu, e onde ainda espera morrer, quer seja podendo, livre, olhar o ceu azul, quer seja tendo, triste, que contemplar a parede nua da prisão.

Porque lá isso... tenha a ditosa Patria nossa amada a certeza de que, se conseguir livrar-se de nos aturar em vida, ha-de aguentar-nos mortos.

De como a decima da renda de casas continuará de perfeita saude...

Muita gente ficou surprehendida com a noticia que *A Lucta* publicou, dizendo que no fim do anno de 1912 acabava a contribuição da renda de casas.

Pois é verdade. Em 1913 já ninguem pagará essa contribuição.

Não julgue o leitor que são nossas as palavras que elle acaba de lêr. São de *A Lucta.*

O que é nosso é o que vamos escrever, e desde já affiançamos que muita gente vae ficar surprehendida...

O caso é que o decreto de 4 de maio de 1911, obra do Governo Provisorio, declarou, com sympathica simplicidade, no artigo 1.º. que:—*a partir de 1 de Janeiro de 1913 fica extincta a contribuição de renda de casas.*

Nada mais claro, nada mais nitido. A partir de 1 de Janeiro de 1913 todo o inquilino guarda no bolso a quantia que até então pagava como decima de renda de casas. Guarda-a no bolso ou gasta-a n'outra coisa...

O peor é que o decreto de 12 de Novembro de 1910, o celebre decreto do inquilinato, estabelecêra já no paragrapho 2.º do artigo 9 que:—*os encargos trtbutarios poderão ser repartidos pelo senhorio e arrendatario, mas este não poderá ficar sobrecarregado em porporção excedente á representada pela relação entre os encargos tributarios até agora supportados pelo inquilino e os supportados pelo senhorio.*

Isto, traduzido em portuguez quer dizer que o inquilino deixa de pagar a decima da renda de casa directamente ao Estado, e passa a pagar-lh'a... por intermedio do senhorio.

O Governo supprime paternalmente ao inquilino a *odiosa decima de renda de casas,* mas augmenta a contribuição predial ao senhorio, dizendo-lhe não menos paternalmente que não se apoquente, por que póde fazer pagar o augmento de contribuição pelo seu inquilino!

O leitor não acredita? Então vamos traduzir-lhe em algarismos este paragrapho 2.º do artigo 9 do Decreto do Inquilinato.

Imaginemos um senhorio que pagava 100$000 reis de contribuição predial, tendo um inquilino que pagava 50$000 reis de decima de renda de casas, o que quer dizer que no total de 150$000 reis, somma das duas contribuições, o senhorio supportava o encargo de dois terços e o inquilino o do terço restante.

Chega o dia 1 de janeiro de 1913. E' supprimida a decima de renda de casas... mas é augmentada a contribuição predial, e não será a *Lucta* que nos desmentirá a este respeito.

Então o senhorio, tranquillamente, reparte *toda* a sua contribuição predial com o inquilino, na proporção de um terço para este e dois terços para elle, senhorio. O augmento foi de 20$000 reis, isto é a contribuição predial passou de 100$000 reis para 120$000 reis? O senhorio paga 80$000 reis e faz pagar os 40$000 reis restantes pelo inquilino. Se o augmento foi de 50$000 reis, o inquilino continuou, como até ahi, a pagar 50$000 reis de contribuição. E assim até ao infinito, que é admissivel em materia de contribuições.

O que lucrou pois o inquilino com a *suppressão* da decima de renda de casas? Nada, não é verdade?

Perdão! Lucrou não ter de ir pagal-a á recebedoria, porque o senhorio, como cobrador do Estado, vae receber-lh'a a casa.

O que não é pequena vantagem em dias de chuva...

EXPEDIENTE

Prevenimos os nossos presados assignantes das provincias que vamos enviar-lhes pelo correio, á cobrança, os recibos de suas assignaturas, e pedimos-lhes a fineza de os satisfazerem logo que lhes sejam apresentados, evitando-nos assim despesas desnecessarias ou a suspensão da remessa do jornal.

A CRISE DA IDEIA REPUBLICANA

A Primeira Republica, a Grande, foi installada em França por tres actos successivos: declarou-se abolida a realeza (21 de Set.º 1792); em seguida decidiu-se que a nova era se contaria a partir do «Primeiro Anno da Republica» finalmente, Danton fazia decretar que a Republica era *Una e Indivisivel!* «Parece, escreve a este respeito Aulard, que a Republica se introduziu furtivamente na historia, e que a Convenção dizia ao Paiz: Não ha maneira de fazer outra coisa.

Não admira que assim fosse porquanto nem os encyclopedistas precursores da Revolução, nem os seus chefes desde Mirabeau a Rosdepierre, nem a tradicção nacional eram republicanos. Até então as republicas conhecidas na Europa desde a classica Republica Romana eram quasi exclusivamente aristocraticas; nellas a dissolução do regimen coincidira sempre com a decadencia do patriciado. Agora surgia pela primeira vez um grande estado unitario e democratico, e com a sua visão sempre prophetica acerca dos grandes phenomenos que se iam desenrolando na França, Burke podia dizer que essa Revolução mais destruidora e mais contagiosa do que as suas antecedentes na historia, constituia um perigo ameaçador para toda a fabrica da civilisação europeia!

O Dezoito Brumario salvou a Revolução: é um logar commum afirmal-o. Os seus principios, as suas conquistas na ordem social, até então mal assentes e pouco seguras, afirmaram-se e inscreveram-se nos Codigos, nas Concordatas, nos Tratados. Mas a Republica, por outro lado, perecera nessa mesma data. Della, como do regimen parlamentar que não soubera organisar ou das liberdades politicas que fora incapaz de garantir, não guardava saudades á Nação. Do mais alto ao mais baixo da escala social, a Republica não fora desejada pela maioria daquelles que tinham feito a Revolução!

A Segunda Republica surgia mais tarde n'um elevado movimento popular. Nas soberbas esperanças, nas illusões magnanimas de Lamartine havia uma alta inspiração espiritualista e christan. Mas bem depressa o perigo ameaçador da demagogia fazia abrigar-se a França á forte autoridade do Imperio, que deixava contudo em Dois de Dezembro um poderoso fermento dos odios que iam explodir revolucionarimente no dia immediato a Sedan.

A Terceira Republica sahia finalmente d'uma Assembleia Nacional Monarchica. Pela terceira vez se introduziu sobrepticiamente na historia. E desde logo, vencido o elemento conservador na Presidencia de Mac-Mahon começava a luta contra o christianismo que ia tornar-se a sua razão de ser. O programma fora traçado por Gambetta no discurso de Romans; apontando a Egreja como um perigo social, precisava os pontos d'ataque: 1.º Dispersão das congregações religiosas. 2.º Ensino laico. 3.º A Egreja subordinada ao direito commum.

Desde a lei de Ferry, até á da Separação e ás da Defeza laica, toda a historia interna da terceira republica é a execução desse plano. A' politica de conciliação prégada aos Catholicos pelo Grande Poutifice que foi Leão XIII, á acceitação pelos chefes catholicos mais notaveis do regimen republicano, respondeu-se sempre com um recrusdescer d'odios e perseguições. Tudo quanto os catholicos procuravam para se collocar dentro das leis tornava-se, em seu proprio detrimento. E já em 1892, n'um artigo celebre da *Revue das Deux Mondes*, Etienne Samy podia com plena verdade escrever:

«Se ha no partido republicano um sentimento imperioso, é o odio á religião; um desejo insaciavel, o de vexar e perseguir os catholicos; um designio seguido com pertinacia e habilidade, o de collocar a Egreja fora do Estado, fora da Sociedade, fora da lei! Esperar que taes homens acabem com a guerra religiosa é suppor que renunciariam ao pensamento supremo da sua politica, ao goso maximo da sua autoridade, é necessario imaginar que deixariam de ser o que são.»

«A Camara, declarava na mesma epocha, Mr. Brisson, persistindo nos principios anti-clericaes que sempre inspiraram a politica republicana unicos que podem guardar os direitos do Estado laico, passa á ordem do dia.»

A franc maçonaria e o protestantismo dizia tambem o mesmo homem publico, constituem a *ossatura* do regimen republicano. E Waldeck Rousseau escrevia por sua vez ao Pastor S.t Etienne:

«Ha um entendimento natural entre o regimen republicano e o culto protestante, pois tanto um como outro assentam no livre exame».

Ora a Reforma desde que se organisou sob a auctoridade tyrannica de Calvino, representou em França politicamente a intolerancia e a anarchia, o desrespeito pela auctoridade e religiosamente o odio a Roma; isto é, foi desde logo anti-nacional.

Contra o Rei Christianissimo chamaram os huguenotes em seu auxilio, sem rebuço, o inglez. O almirante Coligny entregava-lhes o Havre, o maire da Rochela que a rebelára contra Richelieu, pedia-lhes auxilio. Mas a lucta, a rebelião, a intervenção estrangeira contra a Monarchia catholica não são crimes perante a mentalidade do radical jacobino de hoje. Lá tem Jean Guiton a sua estatua, inaugurada no ministerio Poincaré, em 1911, como ataque á França monarchica, ao passo que o grande cardeal de Richelieu ainda espera a sua.

Conhecemos nós a mesma doutrina applicada nos tempos da monarchia, quando em peregrinação pela Europa, um coripheu da Seita Maçonica pedia a intervenção estrangeira contra um governo que assumira a difficil tarefa de luctar contra a Revolução. E tambem em Portugal sabemos como se escreve a historia nacional, apresentando e pondo em foco tudo quanto divide, tudo quanto separa, tudo quanto pode excitar odios contra o regimen que a final, creou e fez viver durante oito seculos a Nacionalidade Portugueza!

A Republica tornou-se hoje o que era no seu estado latente, na sua essencia, *anti-nacional*. Se somos portuguezes pela raça e pela historia, somos latinos pela civilisação, romanos pela religião. Mas a Republica apaga a tradição negando a historia, corta a civilisação fazendo-nos regressar á barbarie por uma legislação qne não é nossa, e é acima de tudo antireligiosa porque a religião é o laço mais forte que une entre si esses diversos elementos.

«Pois quê, escreve a este respeito Charles Maurras, este Estado Republicano que é e foi sempre o mais incoherente do mundo em todos os dominios da politica, teria mostrado a mais magnifica sapiencia d'ideias em expulsar congregações, em fechar escolas catholicas, em despojar o culto, e não se procuraria investigar donde lhe vem esta monstruosa constancia, e o caracter excepcional desta inverosimil continuidade? Responder que a politica anti-clerical é uma loucura passageira, que isto ha-de passar, não é sequer responder, nem já é comprehender...

Porque é que tudo muda neste regimen e só o anticlericalismo é permanente?

E' impossivel que não surja a pergunta: se o anti-clericalismo não estará ligado á Republica, á carne e ao sangue das suas criaturas, dos seus fundadores, á estructura dos seus primeiros elementos. E tornar-se-ha evidente que a politica anti-clerical só acabará com a Republica desde que se saiba que ella tirou a sua existencia real e a sua forte substancia, da zona protestante, judaica e maçonica, a qual é, naturalmente, opposta historica, moral e socialmente ao catholicismo.»

Isto é em França onde existe uma parte da população huguenote, com tradições suas, onde o Judeu domina como o mostra Drumont na sua *France Juive*. Quer dizer, a Republica, apezar de antinacional encontra em França elementos da mesma nação em que se pode apoiar. Já o afirmavam Waldeck Rousseau e Buisson. Mas em Portugal não houve huguenotes, não ha tradição protestante, nem ha pesando sobre a nação o capitalismo judaico.

D'um e outro perigo nos soube defender a Monarchia nacional. E' pois a Republica entre nós um puro absurdo, imposto contra o interesse do paiz por uma associação internacional. E contra o interesse do paiz se tem dirigido toda a sua acção governativa, criando a guerra religiosa com a lei da Separação, procurando destruir os laços sagrados da familia com uma lei do divorcio que rebaixa o homem á animalidade brutal, atacando constantemente a propriedade n'uma especie de communismo anarchico, pondo em almoêda o nosso patrimonio Colonial, enviando para isso ao extrangeiro emissarios da Republica.

Emissarios, ministros da Republica, sim! Representantes de Portugal, não! Porque sendo a Republica a ruina e ameaçando de morte a nacionalidade, *ser republicano é não ser portuguez!*

Tudo quanto no edificio social representa laço ou união, é combatido pela seita. A mania mais ou menos ridícula da lingua universal, *speranto*, ou *volapuks* é uma baboseira maçonica destinada a destruir esse elemento primordial d'uma nacionalidade, a sua lingua. Começa-se, como se fez entre nós, pela guerra á etymologia, á ortographia tradicional. Teem as palavras o seu feitio, a sua historia, o seu typo nacional. Uma ha na nossa lingua que mais que outra mostra a intima união da nacionalidade com a Religião. Freguez, dizia-se no Portuguez medieval: feligreu; os feligreses; corruptelo de *filii ecclesiae*, filhos da Egreja. Aos seus filhos ensinou a Egreja em Portugal, a autoridade, a hierarchia, a ordem, a paz. A sua educação, tantas vezes secular, afeiçoou a nossa mentalidade, disciplinou o coração, subordinou a nossa vontade, criando nos bellos tempos ds nossa historia essa fecunda e activa unidade de consciencia religiosa que levou a monarchia, *ainda alem da Taprobana dilatar a fé e o Imperio*. Pela Religião e com a monarchia fomos um dos grandes Pioneiros da civilisação latina no mundo. E esse é o nosso mais bello titulo de gloria.

Civilisação latina, religião romana, tem na luta contra a maçonaria um significado especial.

Supprimida a autoridade do Pontifice Romano, quebrada a Unidade, enervada a força da tradição, tirada a Roma a influencia religiosa, apagado o *Espirito que vivifica*, resta nos monumentos da fé christan a *lettra* dos Livros Sagrados. O Sacerdote, o padre, torna-se o pastor, o ministro e lente mas seguramente irá evolucionando para o Rabinismo judaico, movimento que tanto se nota nos paizes protestantes. Roma cederia o logar a Jerusalem. Seria a victoria, o triumpho da maçonaria judaica.

Eis a razão fundamental da luta da maçonaria contra a Egreja. Por isso prefere para campo d'acção as nações latinas. Porque nellas e na sua tradição tudo lhe é contrario. Porque nós antes de sermos portuguezes fomos romanos pela conquista e pela civilisação do Imperio. Somos Romanos, porque a Roma dos Papas nos deu a unidade de sentimentos de costumes, de culto, laço vivo da nação. Romanos e portuguezes somos historica, intellectual e moralmente. E nunca tivemos difficuldades em nos sentir assim, porque nunca o catholicismo se oppoz ou esteve em luta com os interesses da nação. E como a Republica é e tem sido para nós a negação da Patria, repetimos: *ser republicano é ser não-Portuguez.*

Paris—26—12—912.

AYRES D'ORNELLAS.

Caçadores 5 no Rocio

Entrevista com o tenente Saturio Pires

Ainda um documento sobre o 5 d'outubro. Mais um, e não é o ultimo que falta para se fazer a reconstituição do facto. E que admira que os factos historicos custem tanto a reconstituir se o mais comesinho episodio domestico tem dente de coelho para se historiar?!

Ouçam este: no ultimo touro d'uma corrida no Campo Pequeno, um cavalheiro, previdente e cauteloso, levantou-se dizendo para a familia. «Eu vou indo mandar chegar o trem, e vocês vão ter á porta dos camarotes. Mas não saiam da porta d'este sector, senão perdem-se. Olhem lá!»

—O' filho, vae descançado! exclamou a esposa.

O marido saiu, as senhoras foram descendo devagarinho.

Esperaram, esperaram, e nem trem, nem marido. Já tinha sahido toda a gente, e ellas ali; e anoitecia quando resolveram tomar um trem de praça, e ir para casa. Ellas a chegar, e o marido a chegar; elle increpou logo a esposa, furioso:

—Eu bem te dizia que não saisses da porta do sector!

O' menino! nós não arredamos pé d'ali!

—E' impossivel! eu fui chamar o trem, que estava atraz da fila, e quando voltei já as não vi.

—Não foi outra coisa: tu enganaste-te na porta. A praça é redonda, e tu perdeste o tino ao sector.

—Nem que fosse a primeira vez que eu puzesse os pés no Campo Pequeno!...

—Ninguem diz menos disso, mas a Izabel que diga se nós sahimos de lá um minuto que fosse.

—Rentes! confirmou Izabelinha.

E era 1 hora da manhã, ainda sobre a mesa de jantar se contruía, com guardanapos e fruteiras, uma praça de touros, para se estudar como é que o marido se perdera da familia, ou a familia do seu legitimo chefe.

Por mais monos de guardanapos que fizessem não conseguiram chegar á conclusão de quem era o culpado: se fôra o marido que se perdêra da esposa, se a esposa que se perdera do marido.

—O facto é que nos perdêmos! Dá cá um beijo e não se discute mais isso! rematou o marido.

Este pequeno incidente d'uma tarde de touros, passado com uma familia, que não póde encontrar a sua definitiva historia, lembra-nos a difficuldade que ha em apurar o documental d'um facto historico.

Entrevista-se, entrevista-se, ouve-se testemunhas sobre testemunhas, e todos os dias ha notas inéditas sobre o 5 d'outubro. Já lá vão dois annos, e ainda nós, os portuguezes, andamos a levantar com guardanapos e entrevistas o terreno onde se passou o facto historico.

Como aquella familia portugueza, apenas se chegou, até agora, a esta conclusão: perdemo-nos.

Como isto não póde acabar com um beijo, como as discussões conjugaes, não ha remedio senão continuar a ouvir, a entrevistar, a registrar depoimentos. Pelo menos os depoimentos que se nos deparem, havemos de registral-os. E' nosso dever.

A este titulo, archivamos hoje, n'esta entrevista com o tenente Saturio Pires, o que se passou com

Caçadores d'El-Rei no Rocio.

—Não tiveram incidentes n'esse trajecto do Arsenal ao Rocio?

—Nenhum!—responde o tenente Saturio Pires. O batalhão, que levava em guarda avançada uma secção, a que se seguia o estado-maior e uma secção commandada pelo alferes Baeta, a companhia de metralhadoras, e o resto da companhia do commando do capitão Reis,—tomou pelo Terreiro do Trigo, rua dos Bacalhoeiros, rua da Prata, rua da Betesga e Rocio. Essa guarda avançada, se me não falha a memoria, era commandada pelo 1.º sargento Brito. Ora este 1.º sargento Brito, que sempre fôra tido por homem de toda a confiança, estava afinal feito com os revoltosos. Para serviço de segurança do batalhão, durante essa marcha..., não podiamos ir melhor entregues. Emfim, chegamos ao Rocio; ahi encontramos o chefe de estado-maior da Divisão coronel José Joaquim de Castro que deu ao batalhão a missão de guardar as emboccaduras das ruas: Nova do Carmo, uma secção, commandada pelo Baeta; do Ouro, a minha secção de metralhadoras, apoiada por 10 homens, sob o commando do 1.º sargento Brito; Arco da Bandeira, a secção do Dias; Rua Augusta e Betesga, outras.

—E a emboccadura da Avenida?

—Guardava-a infantaria 5, com a secção de metralhadoras do Empis.

—Qual era o estado do espirito das forças?

—A essa hora, magnifico. O Loureiro, ajudante do batalhão dissera-me que uma parte de artilharia 1, e infanteria 16, se revoltara, fazendo causa commum com a marinha. Mas que os officiaes dos dois regimentos não adheriram. Que haviam tentado atacar as Necessidades, mas que a 1.ª Brigada da Guarda Municipal e brigada de cavallaria evitará o ataque. Em summa, a impressão era de que as cousas não iam mal.

—E o fôgo da Rotunda?

—Só rompeu pela madrugada. Deviam ser umas quatro horas quando estoirou a primeira granada dos revoltosos. Foi medonha a acção moral, que produziu! Tanto mais que do nosso lado rompeu o crepitar das metralhadoras do Empis, e a fuzilaria de infantaria 5. Essa primeira granada foi bater no quarteirão de casas entre as ruas do Ouro e Augusta. Creio que não fez grandes estragos, o que de resto succedeu durante todo o bombardeamento a que estivemos expostos, n'uma lastimosa inação, todo o dia e noite de 4 para 5.

—Isso é muito curioso! Os revoltosos fazem fogo sobre as forças de cavallaria, e as baterias a cavallo, quando estas chegam ao Alto da Penitenciaria, e a primeira granada é certeira, todos os tiros são bons. Atiram para o Rocio, e batem nas casas. Dir-se-hia que não queriam fazer mal aos soldados que occupavam o Rocio...

—Em primeiro logar, já se tem dito que os revoltosos—avisados com antecedencia de que a brigada de cavallaria e as baterias de Queluz se dirigiam para o Alto da Penitenciaria,—tiveram tempo para regular pachorrentamente o tiro. Em segundo logar, talvez os poucos estragos fossem devidos a fazerem uso de granadas com balas.

Seja como fôr e por que fôr, o effeito moral foi medonho, não é verdade? E em batalha o effeito moral senão é tudo, é quasi tudo.

—Não imagina mesmo o effeito. Os soldados espavoridos fugiram para junto da rua do Principe, sendo preciso que eu e o Loureiro os trouxessemos á espadeirada e á descompostura. Não admira porque o panico foi medonho. Mas apezar d'isso, os boatos continuavam a ser optimistas: que os revoltosos estavam a ser batidos pelas baterias a cavallo; que os marinheiros estavam *engarrafados* no quartel; que os marinheiros já batiam em retirada para a Serra de Monsanto e Campo Grande, perseguidos pelas forças fieis; que infantaria 5 e metralhadoras iam atacar de frente os revoltosos que vinham batidos dos lados do Rato, pela 1.ª brigada, cavallaria e artilharia de Queluz; que os navios revoltosos iam ser ati-

rados pelo ar pelos torpedeiros; que artilharia 3 e caçadores 6 estavam a chegar de Santarem, a marcha forçada, e já haviam sido avistados no Beato..., emfim tudo quanto era logico que succedesse, e em cuja logica, nós, que viviamos na ignorancia da realidade, acreditavamos piamente.

—E alem dos boatos, continuavam a ouvir as granadas?

—Continuamente. Ahi pela noitinha de 4, um navio dos revoltosos enfiou á rua do Ouro, com um fóco, e despejou umas granadas que causaram alguns estragos n'um predio—segundo me disseram, partiram um homem pelo meio do corpo...

—Causou pavôr nas praças, esse ataque do mar?

—Algum. O Rocio estava ás escuras, a rua do Ouro idem; só n'uma embocadura havia um fóco de luz electrica accêso. Como o bombardeamento se fizesse simultaneamente da Rotunda e do mar, resolvi, d'accôrdo com o Loureiro, desenfiar os homens. Ficou só a metralhadora (a outra tinha sido mandada pelo commandante para a embocadura do Arco da Bandeira, salvo erro) com uma vedeta commandada por um cabo. As outras praças encostaram-se todas na parede que corre desde o Monaco á esquina da rua Nova do Carmo. E assim continuamos a ouvil-as estoirar de quarto em quarto de hora; nos intervallos do fôgo, ouviamos os boatos...

O prestigio d'um nome

—Mesmo que fossem ainda os pessimistas, os boatos já não haviam de fazer muita brecha na credulidade dos senhores.

—Já não. Mas seriam umas 9 horas da noite de 4, ouvimos rodar artilharia para as bandas da rua do Amparo. Correu logo, de bocca em boca, que era artilharia 3. Ficamos satisfeitissimos. Não tardamos, porem, a verificar que eram as baterias de Queluz que se dizia virem commandadas pelo capitão Paiva Couceiro. E, o que é o prestigio de um nome! Todos nós, o May, o Loureiro, o Baeta e eu ficamos radiantes e não nos contivemos que não fossemos ao encontro da bateria.

—E falaram com o Couceiro?

—Não, porque elle seguira para o Quartel General, e a bateria vinha commandada pelo tenente Roda. Vimos o Gusmão, todo ferido, bem como bastante pessoal. A bateria distribuiu 2 peças, commandadas pelo Roda, á embocadura da Avenida; 1 peça, commandada pelo Pissarra, á emboccadura da rua Augusta; outra peça, commandada pelo Valdez, á embocadura da rua do Ouro, ficando appoiadas pelas forças de infantaria 5 e caçadores 5 que estavam n'aquellas posições.

—E a sua secção de metralhadoras?

—Passou para a embocadura da rua Nova do Carmo. O capitão May, o Loureiro ajudante, o Baeta, o aspirante Calixto, o Valdez, das baterias a cavallo, e eu, passamos a noite de 4 para 5 de outubro embrulhados nas capas, e sentados nas pedras do passeio que liga o Rocio á Rua do Principe, a ouvir estoirar as granadas com balas dos revoltosos, e o duelo entre a artilharia de Queluz e a do acampamento da Rotunda.

O tiro d'um "especial„

E, cortando a narração da tortura em que vellaram essa noite, passando da mais segura esperança de victoria, á mais desalentada possibilidade de derrota, o tenente Saturio Pires, evoca uma nota que, nem por se tratar d'um obscuro, deixa de merecer registo:

—Havia aviso de que revolucionarios, caminhando cozidos com as casas, deveriam approximar-se das forças fieis, para lhes arremessar bombas de dynamite. A ordem era: fazer uma unica intimação, e, em caso de desobediencia, romper fogo. Nós attenuamos um pouco a ordem, recomendando que disparassem primeiro para o ar, e só em caso de perigo, se alvejasse quem tentasse desobedecer.

—E assim se fazia?

—Sim, senhor. A certa altura, vindo do lado da Avenida appareceu um pobre diabo, de cara ensangoentada, e de quem desconfiamos. Apalpado e interrogado, verificou-se que se estava em presença d'um bebado. Disse-lhe que seguisse rua do Ouro abaixo, e o homem lá foi... D'ahi a bocado, berraria da vedêta, da rua do Ouro: *Quem vem lá? Quem vem lá? Faça alto senão vae fôgo!*—e zas, um tiro!

—«Este ficou redondinho!»—diz ao pé de mim um soldado.

—Redondinho? inquiri eu.

—Sim, meu tenente, redondinho! aquelle não torna a falar!

E o tenente Saturio Pires descreve o resto:

—Saiu a ambulancia da Cruz Vermelha, installada na Sucursal do «Seculo», e trouxe o homem que estava estendido em frente aos *Armazens Grandella*, junto a uma camisaria que ali ha, no logar onde foi a estação de carros para a Luz. Reconheceu-se o homem: era o pobre bebado que teimára em voltar pela rua do Ouro acima, não obedecêra á sentinella, descompuzéra e insultára esta e... coitado! apanhára um tiro mesmo no meio da testa.

—Quem o matou?

—Um cabo que, tem graça! no outro dia, andava de grande laço verde e encarnado!... Eu recriminei-o *Porque não atirou para o ar?—Eu, cá, não fiz pontaria* —desculpou-se elle—*só se for por eu ser «especial!»*

—Especial?!...

—Queria dizer que era atirador especial... Ao romper da manhã de 5, o canhoneio continuou com maior intensidade entre as duas artilharias inversas. Uma secção das baterias a cavallo e outra de metralhadoras, sob o commando do tenente Xavier de Carvalho, que com ella chegára de noite, vão, dizem-me, para o Pateo do Thorel, bater a Rotunda. E assim se continua, até que ahi pelas 8 e meia ou 9 horas da manhã, me disse o Loureiro que nos preparassemos, para resistir aos marinheiros que estavam a desembarcar no caes da Alfandega, naturalmente para nos atacar.

—Taes marinheiros nunca appareceram ...?

—Appareceram alguns desarmados, sim, junto aos *Armazens do Chiado*, vindos da Rua Nova do Almada. Simultaneamente, o Loureiro informava: «*As coisas parece que vão mal: estão a desembarcar no Caes dos Soldados, artilharia 3, caçadores e cavalaria 5 que são fieis*».

—Esses é que nunca appareceram.

—Esses, não; nem desarmados! Tomaram-se disposições para receber os marinheiros na Rua Nova do Carmo; a metralhadora a postos e o «appoio» do Baeta deitado no chão, etc. O bombardeio entretanto continuava. De repente ouço a voz do Loureiro a gritar-me do lado da Rua da Betesga: «*O' Pires anda cá, a mais os officiaes!*» Vou e elle diz-me: «*Está tudo perdido!... Infantaria 5 não nos appoia... o commandante vae reunir officiaes!*» Reunimo-nos, e o commandante expõe:

«*A nossa situação é esta: o commandante de Infantaria 5 diz-me que o seu regimento não nos appoia na defeza contra os marinheiros, porque toda a defeza é inutil, visto a 1ª brigada não fazer tambem fogo contra elles. Achamo-nos sosinhos em campo, com cento e tantos homens. Eu pergunto aos senhores officiaes com cuja resolução me confórmo desde já: Resiste-se até ao utimo extremo? ou capitulamos desde já?*»

—E os officiaes o que responderam?

—O capitão Aguiar o o capitão Reis, (d'estes me lembro eu) foram da segunda opinião, diz o tenente Saturio Pires.

—E os outros?

—Os outros calaram-se, mas tambem se inclinam para este lado, segundo parece. Eu ainda perguntei: *E as ordens do nosso general, quaes são?*»—*O nosso general diz-nos que nos mantenhamos n'um «statu quo», não fazendo fogo sobre os marinheiros, mesmo que nos ataquem...*» respondeu o tenente coronel José Joaquim Peixoto. «Então...»—E capitulou-se. O batalhão concentrou-se, abandonando as posições de combate, na Rua da Betesga, já invadida pelo povo. Aqui deu-se um panico que nos fez correr o maior perigo.

—Panico?! depois da rendição?

—Até ao lavar dos cestos é vindima. Foi o caso que estando o batalhão concentrado, quasi em massa, subitamente lá de cima do Carmo, (onde já tremulava a bandeira republicana), zás! uma descarga, e outra, e outra... Tudo debanda! nós, os officiaes ainda queremos aguentar os homens, que fogem como cabras, disparando para traz. E, louvado Deus! ellas zuniam ao pé dos ouvidos que era uma belleza! Eu, o Baeta e o Pedrosa Gomes conseguimos ajuntar uns 30 e tantos na altura da *Estrella de Oiro*, da Rua da Prata. A' espadeirada e ao berro lá os mettemos debaixo de fórma. O Baeta gritou-me: «*Isto foi traição! A Municipal ainda não se rendeu. Tu és o mais antigo toma o commando e vamos para o Quartel General.*» Effectivamente tomei o commando d'aquella fracção, e marchou-se em direcção á Rua da Praça da Figueira, pela Travessa de Santa Justa e Rua dos Fanqueiros, onde ouvimos o toque de unir ao Batalhão, ja concentrado junto á Rua do Amparo. E retiramos, entrando no Quartel ahi por essas dez horas.

O commandante de Caçadores d'El-Rei

—Que opinião tem do seu antigo commandante?

—O commandante de Caçadores 5 tenente coronel José Joaquim Peixoto? Um bom official em toda a extensão de palavra: disciplinador, sabedor, competente e enthusiasta da instrucção. Pareceu-me sempre que tinhamos ali *um commandante*. Durante a revolução não demonstrou ter medo, dispoz de sangue frio e de qualidades de commando. E' d'elle a resposta ao, ministro da guerra do Governo Provisorio: *Mais confiança podem inspirar aquelles que lealmente e fielmente serviram até ao fim a Monarchia, do que aquelles que um dia a atraiçoaram!... Ama-se a traição, despreza-se o traidor!*» O tenente coronel Peixoto deixou o commando do Batalhão, por não ser *persona grata* para sargentos e soldados...

E o tenente Saturio remata com esta phrase:

—Oh! Deus dos exercitos!...

JOAQUIM LEITÃO

Phantasias

A questão do Oriente

O *lard-mayor* terminára o seu pequeno discurso em que, rapidamente, manifestára aos delegados quanto fôra grato á capital britanica o tel-os abrigado em seu seio no decorrer das laboriosas negociações e um apito seco da machina precedera de poucos segundos o deslisar, primeiro lento, depois pregressivamente mais rapido, do comboio que, em carruagens de luxo, conduzia para um dos portos de Inglaterra os delegados á conferencia da paz, que regressavam finalmente aos seus paizes a darem conta de como tinham podido desempenhar-se da delicada missão que os levára havia tempos á novoenta Londres, e lá os tivera largos dias deliberando e discutindo nos luxuosos salões do sombrio S. James.

Nas portinholas dos salões avistavam-se graves e solemnes, homens de farda que, n'um vago sorriso, correspondiam aos cumprimentos que da *gare* lhes dirigiam as altas individualidades da politica e da finança, da aristocracia e da Egreja, do exercito e da marinha, acorrida alli a prestar a homenagem das suas despedidas aos actores d'aquella grande peça historia que acabára de se representar e que prendera a attenção do mundo inteiro.

O comboio, mais rapido sempre, passára e quando, lá adeante, n'uma curva das inumeras linhas da estação, desaparecia entre nuvens do fumo, já a multidão se escoava pelas portas, entre os derradeiros toques da força, chamada alli a prestar as honras militares.

Lentamente, conversando, lado a lado, entre os cumprimentos de uns e a curiosidade de outros, lord Asquitt e sir Edwards Grey seguiam, caminho da porta, quando de um grupo, alguem, mais expansivo e enthusiasta, destacando-se na sua vivacidade, da placidez das que o rodeavam, se dirigiu ruidosamente ao ministro dos estrangeiros exclamando, n'um grande abraço:

—Ah! Grey... finalmente que está resolvida essa maldicta questão do Oriente, que já nos preocupava em rapazes... lembra-se?

Sir Edwards Grey abanou a sua cabeça de neve e, n'um sorriso, como quem modestamente, diminue o valor a um acto que lhe elogiam, murmurou:

—Resolvida... resolvida... talvez não.

Depois acrescentou entre dentes para Lord Asquitt:

—Addiada... quando muito addiada por alguns annos...

Mas logo estacou olhando o chefe do governo inglez que, n'um gesto patriarchal, pensando-lhe a mão no hombro, lhe dizia sorrindo affavel, com o seu sorriso de bom velhote satisfeito com a vida:

—Sempre exaggerado, meu caro Grey, sempre exaggerado...

E como o ministro dos estrangeiros o olhasse sem comprehender, lord Asquitt acrescentou:

—Diga por alguns mezes... e já não é mau.

ANSELMO.

CHRONICA MILITAR

Paris—Dezembro 1912

Razão tinhamos quando, n'uma das nossas passadas chronicas, aconselhavamos o leitor a que, sempre á cautela, fosse lançando o respectivo coeficiente de correcção sobre as noticias provenientes do theatro da guerra dos Balkans: ensinamentos precipitados da ultima hora, estrondosas victorias do vencedor, catastrofes aniquilantes do vencido...

A «Historia do vencedor», isto é, a Historia em proveito do vencedor», nunca é a verdadeira Historia....

Para nos dar razão aqui temos nós que, agora já, se começa a vêr que a offensiva bulgara na Thracia não foi a coisa irreprehensivel que o publico applaudiu ás mãos ambas enthusiasticamente e que, como é natural, e humano, faltas houve e faltas bem condemnaveis. Longe de nós a ideia de amesquinhar os brilhantes successos dos alliados: o seu patriotismo, as suas qualidades militares, o *élan* maravilhoso com que se atiraram por alli abaixo até ás trincheiras do Karasu e Tchataldja.

Mas prestar-lhes homenagem uma cousa é bem differente de lhes passar em claro todas as faltas e, guiado por sympathias ou interesses mais ou menos confessaveis, como para ahi vêmos na imprensa, tecer-lhes em volta uma verdadeira rêde de louvaminhas, ao mesmo tempo que sobre os hombros derreados do vencido se faz cahir todo o desprezo, toda a ironia, toda a má vontade, que, vamos indo, não se teria com elle, se elle fosse... o vencedor...

Von der Goltz, ao reorganisar o Exercito turco e ao tratar da repartição das grandes unidades e ainda, tendo em vista os inimigos provaveis e a configuração especial do terreno, onde se teria de combater o que dá dois theatros de operações bem distinctos, tendo respectivamente como objectivos principaes Constantinopla e Salonica=confiou á 1.ª Inspecção de exercito (1.º Exercito de campanha) a guarda do theatro principal, Thracia, e á 2.ª Inspecção (2.º Exercito) a dos secundarios, Macedonia, Thessalia, Epiro, Albania.

O Exercito da Thracia, commandado até Lule Burgas por Abdulah Pachá, tinha os seus 4 corpos de exercito em Constantinopla (I.º), Rodosto (2.º), Kirk Kilisse (3.º), e Andrinopla (4.º).

D'esta situação de tempo de paz facilmente se passaria á concentração, ao romperem-se as hostilidades: os 3.º e 4.º corpos permaneceriam nas suas sedes normaes, guarnecendo a frente de batalha Andrinopla—Kirk Kilisse que cobre todas as vias de communicação que levam a Constantinopla: os I.º e 2.º avançariam, vindo colocar-se-lhe em escalão á rectaguarda.

O 2.º Exercito—da Macedonia—com o seu 7.º corpo (Uskub) oppor-se-hia á Serbia, com a 24.ª divisão independente (Scutari) ao Montenegro, com as 22.ª (Kosana, na Thessalia) e 23.ª (Janina, no Epiro) á Grecia. O 6.º corpo (Monastir) e e 5.º (Salonica) constituiriam as rezervas parcial e geral. Todo o movimento retrogrado d'estas unidades nos theatros parciaes, onde operariam, levaria *ipso facto* a uma concentração instinctiva e logica, aproveitando-se sempre das suas linhas interiores e podendo apresentar, n'um momento dado, forças superiores ao adversario.

Logo, Von der Goltz applicou com notavel proficiencia o principio de Clauzewitz: «Procurar o principal exercito inimigo e atacal-o com a maior superioridade numerica possivel»—e adaptou-o as circunstancias.

Isto é, affectou á defeza do theatro principal o maior numero de forças: 4 corpos de exercito a oppor á Bulgaria, inimigo mais de temer; e limitou ao restrictamente indispensavel a dos secundarios: I divisão contra o Montenegro, I corpo de exercito contra a Servia, duas divisões contra a Grecia.

Os factos se tem encarregado de justificar a exactidão de vistas do eminente general. Se a execução não correspondeu á concepção, atribuamos isso a outras causas, que não áquellas para ahi geralmente ouvidas.

Em nosso fraco modo de ver, não é aos instructores, ao material, aos processos e á *escola* de Allemanha que devemos, com imparcialidade e boa fé, ir buscar a causa dos desastres turcos mas a outros factores entre os quaes os moraes não são para desprezar, mas á anarchia sobrepondo-se ao tradicional rotineirismo, mas á politica mettida no exercito, mas ás associações secretas, mas á maçonaria, mas á inepcia e incompetencia d'estes flagelos derivadas.

A Turquia que peça contas aos seus Jovens do descalabro a que foi arrastada, porque ahi é que bate o ponto.

*

* *

Vejamos agora o Exercito bulgaro. Limitemo-nos, por hoje, ao que se passou na Thracia.

O mesmo principio de Clauzemitz foi applicado pelos elaboradores do plano de campanha, generaes Savoff (generalissimo), Fitche (chefe de estado maior general) e Dmitrieff (commandante do III.º exercito).

Para uma rapidissima apreciação do que foi a execução, tres phases se notam:

1.ª—(21 a 25 outubro)—Desde a passageni da fronteira a Kirk Kilisse.

2.ª—(25 outubro—2 novembro)—De Kirk Kilisse a Lule Burgas.

3.ª—(2 a 19 novembro)—Até Tchataldja.

Na 1.ª phase o objectivo immediato é a frente Andrinopla—Kirk Kilisse. A mobilisação e concentração preliminares são levadas a effeito com superior mestria e exemplar e typica rezerva: os II.º e III.º exercitos ao norte dos Balkans, na fronteira; I.º exercito em Mustapha-Pachá, com a missão especialisada de sitiar Andrinopla.

Se a preparação foi modelar, o *salto*, a execução não lhe ficou inferior. A marcha dos II.º e III.º exercitos atravez d'uma região sem estradas, por, terrenos, que as chuvas tornavam, quasi impraticaveis á artilharia e mais viaturas, é soberba. Os serviços da rectaguarda, organisados d'uma maneira pratica e approveitando todos os recursos nacionaes, funcionam bem, excepção feita aos de saude, que são deficientes.

Nota-se todavia, no que toca aos processos de combate da infantaria, a sua temeridade desnecessaria e filha da inexperiencia: a execução do assalto lançada de muito longe, quasi sem dar tempo á artilharia para levar a cabo a sua mortifera *besogne*.

Na 2.ª phase, o contacto com o inimigo perde-se desde a tarde de 23 d'outubro, logo em seguida a Kirk Kilisse. A cavallaria, mal appoiada, sem artilharia, não se pode desempenhar satisfactoriamente da sua missão. A directriz da perseguição é mesmo errada, porque o estado maior toma a nuvem por Juno e lança a cavallaria em direcção ao Egeu, para sul, quando o grosso do exercito adverso retirava para Leste, para a linha Bonnar-Hissar-Lule-Burgas. A cavallaria bate pois em falso, até Rodosto...

D'este erro a grande conversão, ordenada em 27 d'outubro aos II.º e III.º exercitos, tendo como flanco pião a esquerda do general Dimitrieff. D'este erro o desconnexo da batalha de Lule Burgas, com as unidades entrando sucessivamente na linha de fogo desgarradamente e gastando-se, quasi se aniquilando antes da chegada do camarada da direita. Em 27, 28, 29 de outubro é só a 5.ª divisão (extrema esquerda) que se aguenta em Bonnar Hissar contra forças superiores e bem entrincheiradas. Só em 29 é que a 4.ª divisão e depois a 6.ª lhe vêm reforçar a direita. Nesta altura o III.º exercito *não possue a mais insignificante rezerva*...

Só em 30 o I.º exercito ataca Lule Burgas, na direita do ataque. Em 31, a batalha está ganha mas o *contacto* novamente se perde e os turcos retiram sem que uma perseguição séria seja executada. Se a cavallaria estavá lá para as bandas de Rodosto...

O esforço bulgaro fôra de tal ordem que lhes foi preciso 10 dias para attingir as linhas de Tchataldja (100 Km. de marcha) e 18 para estar em estado de executar o ataque.

Finalmente, na 3.ª phase, os bulgaros esbarram nas linhas de defesa de Constantinopla, como, os franceses de Massena nas de Torres Vedras. A' impressão optimista do primeiro dia vem a batalha de 17 de novembro dar uma formal desillusão.

Um inutil e grande reconhecimento, de artilharia, um inutil sacrificio da infantaria, foi o nullo resultado d'esse dia.

Depois veio o cholera, e depois o armisticio...

E depois... o que virá?...

?.....

S. P.

França

O tiro curvo e o canhão Canet.—O canhão de campanha, em virtude de tensão da sua trajectoria, acha-se, como se sabe, impossibilitado de bater objectivos bem *desenfiados*.

Uma solução, que o problema apresenta, foi achada na Allemanha e Russia (e mesmo na França bastantes partidarios ella tem) pela adopção dos obuzes de campanha, para as grandes unidades de combate, apezar de ella representar uma certa imobilisação do pessoal. Ora o canhão de campanha, Canet, de 7,cm5, permitte, segundo parece, o emprego do tiro curvo, em grande numero de casos, comtanto que se empreguem granadas com carga reduzida.

A seu turno isto acarretaria um novo inconveniente—a diversidade de munições—se não fosse o aparecimento d'um aparelho, recentemente inventado, e agora em experiencias no polygono de artilharia de *Bourges*, o qual permitte automaticamente reduzir a carga de polvora d'uma granada normalmente carregada.

A comissão de experiencias de artilharia deposita grandes esperanças nos bons resultados d'este aparelho, que vem trazêr ao tiro curvo de artilharia de campanha, como se vê, uma nova e importante solução.

*

* *

As manobras d'outomno de 1913 Constarão de manobras progressivas durante o espaço de 15 dias para os 3.º, 8.º e 20.º corpos d'exercito! Rouen, *Bourges* e Nancy, começando pelos exercicios de brigada, depois de divisão e finalmente, sob a direcção dos generaes comandantes dos corpos do exercito, exercicios de acção dupla de divisão contra divisão.

Neste ultimo caso, o 26.º batalhão de caçadores, a 1.ª divisão de cavallaria (Paris, Vincennes, Versailles) e dois grupos de 19.ª brigada d'artilharia (Vincennes) reforçarão o 3.º corpo.

O 8.º Corpo será reforçado pela 8.ª divisão de cavallaria, elevada ao efectivo de 6 regimentos, pela juncção do 26.º de Dragões e 12.º de Hussards.

O 2.º Corpo contará nos seus efectivos com a 2.ª divisão de cavallaria, tambem a 6 regimentos, pela juncção dos 5.º e 10.º Hussards.

CARTA DE LISBOA

Findou mais um anno, e nasceu outro, cousa vulgar na vida das nações como vulgarissimo é na vida das familias o nascimento de uma creança. Mas a vulgaridade não exclue a gravidade porque um nascimento é sempre uma cousa séria. Será menino? Será menina? Bonita ou aleijada? Será boa pessoa? Intelligente ou má? E tantas outras interrogações, simples pontos de duvida, occorrem ao espirito, sem que se possa prever uma resposta segura, para o futuro das creanças como para o futuro dos annos!

O que foi 1912 todos o sabem, o que será o 1913, ninguem o póde prever, por melhor e maior que seja a fama de Saragoçano historico.

Que será um anno de novidades, parece não restar duvida, de cousas estrambolicas e de extravagancias originaes a julgar pelo que já succedeu. O 1912 findou com um governo em crise; o anno novo começa com o mesmo governo em lucta com a mesma crise... adiada por mais um trimestre, o que confirma a inovação aqui já annunciada de ministerios aos semestres, como as casas, ou mais propriamente de ministerios aos mezes, como faculta a lei do inquilinato para as casas pobres. E o que é em verdade este paiz senão uma casa pobrissima?

Mas porque se não resolve a crise ministerial? Pela rasão tambem já aqui apontada de que não é uma simples crise de ministerio. Não é o sr. Duarte Leite quem está em crise. Quem está em crise são as tres personalidades em volta das quaes gira ha dois annos a politica portugueza e que o alto espirito de Cunha e Costa, por certo insuspeito para os republicanos historicos, define n'estes periodos que offerecemos hoje aos leitores das Cartas de Lisboa.

O ilustre escriptor no seu simile brilhantissimo foi rigorosamente feliz e verdadeiro, como pensador e como historiador. Tem elle a palavra para descrever os orientadores da opinião republicana do nosso paiz:

> A uns, quaesquer que sejam os seus talentos, a sua energia e a sua audacia, impelliu-os a fatalidade para um caminho incompativel com a paz e ordem publicas. Bem ou mal, n'esta hora tumultuaria, os seus nomes são, para a maioria do paiz, um symbolo de Terror. Quando se dirigem a este paiz tão sentimental e affectivo, tomam a attitude de Nemesis implacaveis. As suas vozes metallicas ferem e dilaceram como cutelos, exacerbando magoas e acordando odios que uma boa palavra teria adormecido. E' possivel que a sua obra seja superiormente bella, mas o que é certo é que entre ella e a capacidade assimiladora do paiz não ha proporção, d'ahi resultando incomprehendida e nefasta. N'elles impera a superstição das leis, suppondo que com leis se transforma o modo de ser de um povo. No amago de todas as affirmações liberaes, o culto da Força. Até na maneira como se dirigem ao parlamento o manifestam. A razão da sua insufficiencia como estadistas está em que, sendo n'elles exasperante a hypertrophia do *eu*, tomam como *reptos* e *offensas pessoaes* os *protestos impessoaes* da consciencia collectiva da nação, e, incapazes de perdoar, *punem* em vez de reconsiderarem. Se a consciencia religiosa do paiz se insurge contra as suas medidas, logo lançam taes protestos á conta de aggravos pessoaes. O mesmo com o capital, a propriedade, a industria, o commercio, com todas as classes. Por isso, para elles, pelo menos apparentemente, o problema nacional é uma questão de policia, tribunaes marciaes e penitenciaria e não uma questão de tacto, saber e experiencia. O idolo d'essa corrente da politica republicana é Robespierre: não podia ser outro. A sua exegese da grande revolução não vae alem da dos demolidores do terceiro imperio francez. A colossal bibliographia contemporanea sobre a Convenção e o Terror, ou a ignoram ou systhematicamente a repudiam. Lavisse, Gustave Le Bon, Albert Sorel, Madelin, Wallon, Lenôtre, dezenas de outros fieis do *documento* e do *facto* continuaram a ser para elles «*reaccionarios*». Ler as suas declarações sobre a *natureza*, o *povo*, os *tyrannos*, a *liberdade* é repetir ainda e sempre Robespierre. Não era Robespierre, esse inimigo nato dos oradores e dos homens de letras, porque fallavam e escreviam melhor do que elle, que dizia «Quando o povo soberano exerce o poder é preciso obedecer-lhe. Tudo quanto elle faz é virtude e verdade; nada do que elle faz póde ser excesso, horror ou crime?» Não é ainda Robespierre, inimigo nato de todas as superioridades, que se suppõe o Messias enviado pelo Eterno para tudo reformar? Não é ainda Robespierre que, devorado pelo delirio da perseguição, elimina para não ser eliminado e atira successivamente para o cadafalso os seus proprios collegas da Convenção Nacional? Na essencia, a nossa demagogia é uma superfactação de 93.

> Entre esta corrente jacobina da opinião republicana e a corrente girondina—chamemos-lhe assim—está aquillo que na Convenção se chamava a *Planicie*, isto é, um grupo de homens, em regra intellijentes mas sem coragem civica, capitulando systhematicamente deante do mais forte, logo que este lhe bate o pé e marombando, nos intervallos, entre a esquerda e a direita de modo a colher todos os beneficios do poder sem nenhuma das responsabilidades. «Que fizeste tu durante o Terror, alguem perguntava a Seyés?» «O que fiz—replicou o interpellado, atonito—*Vivi!*» Este é o criterio da nossa Planicie. E' com esta gente, que alias o detestava, que Robespierre exerceu a sua abominavel tyrannia... e tambem Napoleão! Essa attitude ondeante, equivoca, duplice faz com que nenhuma outra corrente exceda a Planicie nas funcções de *puntillero* de uma situação periclitante ou de um combatente mal ferido. Ninguem então a excede na violencia da aggressão. D'ella teem partido, por vezes as mais calumniosas allusões aos homens do antigo regimen e até as mais nocivas excitações aos baixos instinctos da plebe. Se os girondinos não levarem a melhor, da Planicie lhes virá o golpe de misericordia; mas se a demagogia perder a partida então ai do demagogo que topar com a Planicie! Não ha nada mais perigoso do que o medroso quando perde o medo!

> Restam os girondinos. São, evidentemente, os homens de coração do regimen e, só porque o são, teem a seu favor no paiz numerosas sympathias. São, sem duvida, a primeira força eleitoral da republica e em eleições livres levariam de vencida todas as outras correntes. Faltam-lhes, porém, os homens de Estado e de acção que o momento reclamaria; e essa falta manifesta-se, a cada momento, já em imperdoaveis erros de officio já n'uma desconcertada inconsequencia entre *affirmações e actos* que desnorteia o paiz e retrahe adhesões. Os nossos girondinos teem principiado bem varias cousas excellentes, mas ou se ficam a meio caminho ou acabam por fazer o jogo dos seus adversarios. Dir-se-ia que de repente lhes falta o folego ou que os seus gestos largos e bellos são o producto de um *emballement* sem raizes profundas na razão e no sentimento. Ainda ha poucos dias esses homens, que declaram a amnistia condição necessaria da paz publica, votaram contra desejos do illustre chefe do Estado que apenas continham parcella minima d'esse programa. Foi geral o assombro e quantos auxiliares preciosos o desapontamento por elle provocado retrahiu! Suppondo, porém, que os nossos girondinos se fortaleciam com os homens de Estado e de acção que o momento reclama, que poderiam elles tentar sem uma maioria parlamentar compacta, forte e disciplinada que os garanta do tumulto organisado? Demais, na situação actual da politica portugueza, nenhuma das correntes em que se divide a opinião republicana poderá governar a contento do paiz e da Europa sem a collaboração dos homens limpos do antigo regimen, que muitos eram. E esses recusam-se obstinadamente a prestar-nos o seu concurso. A opportunidade de conquistal-os passou! Deixámol-a passar, e na politica como na mocidade as occasiões perdidas não se recuperam jamais: *la jeunesse n'a qu'un temps!*

> Assim, para qualquer lado que volvamos os olhos, logo deparamos com um abysmo torvo e hiante. Por isso com reticencias fecham os politicos as suas considerações sobre a crise. E' que ninguem, com effeito, vê claro, na situação actual; ninguem, ninguem, ninguem! Ou antes todos os espiritos lucidos vêem a mesma cousa que desesperadamente occultam!

> Todos os espiritos lucidos vêem aquillo que só a mentalidade sectaria e, portanto, cega não vê: que aparte alguns, poucos milhares de republicanos irreductiveis na sua fé, não ha no paiz *espirito republicano;* e que, portanto, a *chave da viabilidade da Republica estava na arte de a governar com antigos monarchicos convertidos e que hoje se recusam a collaborar comnosco.* (1)

E aos leitores, muito boas festas, se a *Montanha, a Planicie e a Gironda* derem licença.

RAUL.

(1) O anno politico, *O Dia*—31 de Dezembro de 1912.

SEMANA MUNDANA

Familia Real

Sua Magestade El-Rei, o Senhor Dom Manuel II durante as visitas que está fazendo ás Côrtes extrangeiras, usa o titulo de Conde de Ourem.

O chá da uma e meia

Quando passava pelo Marques, ás tardes, a caminho da Avenida, ella muitas vezes pensára em entrar e em sentar-se tambem n'uma d'aquellas pequeninas mezas em que galantes raparigas nas suas *toilettes* lindas, tomavam golos de chá e trincavam pasteis e torradas, em meio d'uma alegre chilreada, conversando de meza para meza.

Nunca o fizera porem. Um acanhamento, o acanhamento de entrar por alli dentro, desconhecida e anonyma, obrigada a ficar silenciosa e isolada no meio de toda aquella gente, que a ignorava, mas que ella muito bem conhecia das noites de S. Carlos em que, lá da torrinha, as indicava e as explicava em todos os pormenores,—um receio, o receio de parecer ridicula, fazia-a addiar sempre para o dia seguinte a sua entrada n'aquelle recanto *chic*, que ella ambicionava, embora, desdenhosa, perante as amigas, de toda aquella ridicula aristocracia, chasqueasse ostensivamente, apontando-lhe os pôdres e ignorando-lhe as qualidades.

Um dia o pae ao entrar em casa annunciou, radiante e cansado, que fora proclamada a Republica e, atirando um murro á meza, exclamou:

—Agora quem manda é cá a gente... Irra!... Somos nós quem dá a lei..,

Ella, ao ouvir estas palavras do pae, tivera um estremecimento de alegria. Depois ficára-se silenciosa, de sobr'olho franzido, a pensar,.. a pensar...

E todo o dia se lhe notou um tal alheamento do que se passava em volta, que o pae ao jantar observou:

—Ó rapariga!... Parece que não gostaste da proclamação da Republica...

—Eu?... Ora que ideia, papá! respondeu ella logo, com um brilho no olhar a desmentir a impressão do pae.

No dia seguinte, logo depois do almoço, sahiu.

Rapida, como quem leva uma ideia fita, foi direita ao Marques. Espreitou... Ninguem... Olhou em volta, hesitante... Pela rua passavam ranchos de soldados, com laçarotes encarnados e verdes fraternisando com populares de boina. D'um grupo, ao passarem, chamaram-lhe *catitinha*, e, n'um gesto rapido, detalharam-lhe o airoso das ancas.

Resoluta, n'um impeto, entrou na pastelaria e, olhando vagamente o caixeiro que se aproximára, disse n'um tom natural, atirando um pouco as palavras:

—Um chá.

E sentou-se a uma meza, em meio da sala deserta.

Pouco depois o creado servia-a, e ella, já de novo hesitante, n'um mal-estar n'aquelle isolamento, começára com os lindos dêdos pousando uma pedra de assucar no fundo da chavena, quando a Micas Lemos, desembaraçada e espalhafatósa,—como ella já a vira nos tempos do collegio,—entrou, gritando para o caixeiro:

—Diga ao sr. Marques...

Mas n'isto, avistando-a solitaria em meio da sala, exclamou:

—Tu por aqui... sosinha!... O que fazes?

Ella respondeu logo, com naturalidade, deitando o chá:

—Bem vês... Estou tomando o meu *five-ó-clock tea*.

—A' uma e meia da tarde, filha!...

Córando, ella teve a intuição de que commettêra alguma enormidade e, desolada, quasi succumbida, ia a pousar o bule sobre a toalha, quando, n'uma evocação da scena do pae entrando em casa a annunciar a proclamação da Republica, teve um impeto e, batendo seccamente com a tampa do bule, respondeu terminante e decisiva:

—Sim... á uma e meia... Nós agora é que damos a moda.

E energicamente mexeu o chá, a desfazer a pedra de assucar.

ANS.

Um pouco de tudo

—O snr. Conde de Sousa Rosa tem estado doente em Paris.

—Os illustres ministros da Argentina em Portugal offereceram um elegantissimo jantar seguido de uma *soirée*, solemnisando o anniversario de sua filha mademoiselle Suzanna Sagastume.

—Regressou a Lisbôa a Senhora Marqueza Paulucci di Calbolli.

—Vindo de Inglaterra chegou o snr. Eduardo Perestrello de Vasconcellos.

—Vindo de S. Jean de Luz está em Madrid o nosso collega de redacção e amigo Antonio Paes de Sande e Castro.

—Chegou a Lisbôa a senhora condessa de Villa Real e de Mello.

—Realiza-se hoje no Rio de Janeiro, o casamento da senhora D. Maria Amelia Ramalho Ortigão, filha da senhora D. Amelia Marques Ramalho Ortigão e do snr. José V. Ramalho Ortigão, neta do insigne escriptor Ramalho Ortigão, com o snr. Pedro José de Mello (Sabugosa) filho mais novo da senhora condessa de Sabugosa e Murça (D. Marianna) e do Mordomo Mór da Casa Real, senhor Conde de Sabugosa, e neto dos marquezes de Sabugosa e dos Condes de Murça.

—Deve ajustar-se brevemente o casamento da senhora D. Maria Thereza Pequito Rebello, filha do fallecido conselheiro José Rebello com o snr. Dr. Augusto Nunes de Saldanda, filho do snr. Visconde d'Albergaria do Souto Redondo.

—Na egreja matriz de Favaios (Alijó), consorciaram-se no dia 19 de Dezembro o Ex.mo Snr. Dr. Serafim de Barros com a Ex.ma Snr. D. Augusta dos Santos Pinto e Barros.

Foram padrinhos da noiva seus tios, o Ex.mo Snr. Manuel Marques Gomes e sua esposa, a Ex.ma Snr.a D. Rosalina dos Santos Gomes e do noivo o Ex.mo Snr. Antonio Augusto Correia e sua espoza, a Ex.ma Snr.a D. Maria Piedade Corrêa.

—Realizou-se o casamento da Senhora D. Theodora de Mello com o snr. Dr. Alvaro Bordallo Pinheiro Travassos Valdez.

—São esperados em Lisbôa, da sua viagem de nupcias, o distincto engenheiro snr. Octavio Leitão e esposa a senhora D. Amelia Morales de Los Rios Leitão.

—Está em Lisbôa o snr. Antonio Telles da Silva (Tarouca).

—Parte para Paris, brevemente a senhora condessa do Alto Mearim.

—Chegou de Liége a senhora marqueza de Tancos que vem em visita a sua Mãe, a senhora Condessa de Valbom.

—Chegaram de Paris a senhora condessa de Arrochella e filha.

—Regressou de Paris o snr. Conde da Foz.

—Está em Lisbôa o snr. Visconde de Olivaes.

—Parte em fevereiro para Paris a senhora Viscondessa de Villa Nova da Rainha.

—De visita a sua irmã a Senhora D. Maria de Jesus de Sousa e Holstein de Ornellas e Vasconcellos, está em Paris a senhora D. Maria da Conceição de Sousa e Holstein,

—Está em Lisbôa a senhora marqueza da Ribeira Grande.

—Está em Londres a senhora marqueza da Praia e Monforte.

—Partiram do Porto para Lisbôa as senhoras condessa da Taboeira, e irmã D. Nathalia de Muñoz e Perig e sobrinhas, D. Arcelina e D. Maria Thereza Valente.

—Já regressou de Paris o snr. Carlos Bleck.

—A passar as ferias do Natal estão em Lisbôa vindos de Londres, os filhos da senhora Condessa de Arnoso, dos senhores Viscondes de Coruche e o snr. Eduardo de Perestrello e Vasconcellos.

—Regressou, do estranjeiro acompanhado de sua familia, o senhor Conselheiro de Estado José de Novaes, á sua casa no Porto.

Sua Ex.a tem estado bastante incommodado de saude.

—Foi pedida em casamento a senhora D. Adelaide Sanguinetti, pelo snr. Augusto Frederico Potsch de Carvalho e Talone, (Ribamar).

—Teve a sua delivrance a senhora D. Joanna Saldanha da Gama, esposa do senhor D. Alexandre Saldanha da Gama,

—Passaram o inverno em Lisbôa o snr. D. Nuno de Noronha (Vagos) e esposa.

—Regressou á sua casa do Pórto o snr. Conselheiro Pedro de Araujo.

—Regressam a Lisbôa os senhores Condes de Penalva d'Alva e sua mãe a senhora Condessa de Penalva d'Alva.

—Estão em Cascaes os senhores Viscondes de Riba Tamega.

—Regressam de Cascaes a Lisbôa o distincto official de cavallaria hoje retirado do serviço, snr. Nuno d'Avellar Pinto Tavares, com sua esposa.

—De Guimarães onde passou o dia de Natal regressou a Villa Real o illustre official de cavallaria snr. Alberto Cardoso de Menezes (Margaride).

—Está em Coimbra, a gosar as ferias do Natal o snr. Rodrigo de Queiroz e Mello de Sousa Pinto.

—Estão em Braga os senhores Condes de Bertiandos.

JOAQUIM LEITÃO

O DIARIO DOS VENCIDOS

1 VOLUME DE 300 PAGINAS

Á venda nas principaes livrarias

Gustave Le Bon e a restauração monarchica

O notavel philosopho acredita na restauração

O auctôr da "Psycollogia das Multidões„ e do recente e sensacional livro "A Revolução Francêsa e a Psycollogia das Revoluções„ aborda o problema politico português—A sua opinião sobre a influencia dos advogados na vida publica —Qual o argumento que o convence da viabilidade da restauração em Portugal.

A ultima brochura de Gustave Le Bon, *La Revolution et la psycollogie des Revolutions*, além do interesse geral, pelo criterio novo trazido á interpretação historica, interessa-nos a nós, portuguêses, pela thése que propõe. A revolução de 5 d'Outubro é um exemplo em favor da nova teoria de Le Bon.

Assim que tive a primeira noticia d'este livro escrevi a Gustave Le Bon. Devia-lhe a primeira desillusão intellectual, colhida na *Psycollogie des Foules*, Levou-me a minha fé no valor das multidões, cemonstrando-me a inconsciencia d'ellas, mas deixou-me, em vez d'esse perigoso e grato engano, uma consciencia mais forte dos phenomenos sociaes.

Foi um mestre para mim, e creio que para todos os cerebros contemporaneos.

A um mestre escreve-se com a confiante certesa que nos dirigimos a um amigo. Os amigos ainda podem ensurdecer; os mestres ouvem sempre e falam com um acerto e um proveito, desconhecido á maior parte dos amigos.

Gustave Le Bon promptamente me marcou as 8 horas e meia de qualquer manhã, unica aberta no seu dia de escravo.

Uma bella manhã, doirada pelo sol de junho, vespera de Santo Antonio, apresentei-me no primeiro andar do templo experimental da rue Vignon. A creada foi com o cartão, e voltou com este recado:

—O senhor pede-lhe o favor de esperar uns dez minutos.

Gostei d'isto. Vê-se logo ali o homem que vive no regimen da verdade; estava talvez ainda deitado, talvez a acabar de vestir-se, a tomar o chocolate ou a rematar uma carta; demorou-se uma dezena de minutos, não empregava a enjoativa mentira do formulario parisiense: «*une petite minute*». Não, senhor! era um dezena de minutos, preparava-nos para esperar vinte minutos. Mas nem tanto nos fez esperar. Foi o tempo de dar uma vista d'olhos ao seu salão: uma profusão de metaes e madeiras orientaes que relembra o historiador das civilisações indianas.

Uma redução dos arcos d'um frontal, pregado na parede, repete-nos o titulo d'um dos seus volumes: *Les Monuments de l'Inde*. Ha tamborêtes, n'essa adocicada talha dos indús, um cachimbo de opio sobre uma prateleira, um immenso dente de elephante erguendo na raiz da sua elegante curva nacarada o esquelêto d'um candieiro de pára-luz donde o petroleo foi expulso por uma lampada electrica. Do tecto pinga uma lanterna chineza, com pinjentes de contas e juntas de laca, a mêsa e o *consôle* e um escaparate estão atravancados de bandejas, de campainhas de *potiches*, d'escrinios, de tinteiros, de pennas, de facas de cortar papel, em marfim, em metal levantados com os pacientes buris do oriente.

Na sala do jantar, para onde passamos d'ali, iamos encontrar um homem vestido de preto, um boné de seda preta, na corôa da cabeça, e uma testa e rosto bronzeo, donde pende, anelada e de azeviche, uma barba longa de sacerdote occultista.

E' Gustave Le Bon, que fuma n'esse momento um cigarro turco, cuja cinza é recolhida n'um columbarium de metal, em relêvo.

Ao lado d'elle, sobre a mesa do jantar, a capa vermelha da *Biblioteca de Philosophia Scientifica*, que elle dirige, com estes dizeres: *La Revolution Française et la Psycollogie des Revolutions*.

—Ah! já appareceu?

—Hoje.

E do titulo e da doutrina da obra passamos para e terreno concreto dos dias actuaes que hão-de compôr amanhã a Historia. Como ainda estivessem frescas as paginas dos *maggazines* com os aspectos da greve do carvão em Londres, onde a lucta economica assumiu o seu macroscopico aspecto, perguntamos a Gustave Le Bon:

—Aonde vae parar esta lucta entre o capital e o trabalho?

—Ao equilibrio. O operario com o augmento de salario encarece um producto; o operario das outras industrias encarece os seus; a vida encarece para o operario á medida que elle faz encarecer a sua produção. São crises que a breve

4 FOLHETIM D'O CORREIO

A CHICA

EM CASA DO MAJOR SEQUEIRA

Aos sabbados a Chica ia à noite a casa do major Sequeira.

Eu ia tambem, pois conhecia o major de ter sido meu visinho no Dáfundo, e tinha por elle uma grande consideração, uma grande estima principalmente desde aquelles tres dias de Outubro em que eu o vira passeando nervosamente no quintalorio de seu chalet, e gritando-me de vez em quando lá para a minha janella, onde eu debruçado, espreitava o Tejo a tentar avistar os navios que, dizia-se, estavam bombardeando o paço das Necessidades:

—E eu aqui, amigo Anselmo, e eu aqui, impotente, inactivo, sem poder correr ao cumprimento dos meus deveres!...

E, desesperado, erguia ao ceu as mãos.

Eu, por fim, apoquentado com aquelle desespero disse-lhe, a certa altura, lá da janella:

—Mas, ò senhor major, porque não vae a Lisboa?

Elle estacou, olhando-me com ar de quem me suppunha doido:

—A Lisboa?!...

—Sim, repeti eu. Porque não vae a Lisboa?

O major encolheu os hombros. Depois exclamou:

—Mas como?... como?... Se os electricos não trabalham e eu não tenho o cavallo aqui?...

Impressionado com a observação, calei-me.

Effectivamente se elle não tinha alli o cavallo e se os electricos não trabalhavam, como podia o major ir a Lisboa? A pé?... Era um estirão de quasi duas leguas... Alem d'isso o major não era de infanteria.

Para elle só pedia haver duas maneiras do correr a defender a Monarchia: ou a cavallo ou de electrico.

Cavallo não tinha. Electricos não havia.

Comprehendi o seu desespero e por um instante pensei em lhe offerecer o cavallo do padeiro, que todas as manhãs me levava o pão n'uma carroça puxada por um garranosinho que trotava que era uma belleza... Mas não me atrevi.

Depois não pensei mais n'isso n'aquella apoquentação em que estava sem saber da Chica, da minha Chica, coitadinha!. que devia estar muito assustada com tudo aquillo.

Em todo o caso ficou-me sempre d'aquella scena, uma grande consideração pelo major Sequeira, que muitas vezes recordava no quintalorio, erguendo as mãos ao ceu, n'um desespero, impossibilitado de salvar a Monarchia por não haver electricos.

Uma noite, commovido, contei a scena à Chica que tambem ficou muito impressionada e que me disse ao contar-lhe eu que me não atrevera a oferecer ao major o garrano do padeiro:

—Foi pena... Devias ter offerecido... Quem sahe?... O major Sequeira tem tanto genio... talvez as cousas tivessem corrido d'outra maneira!...

Eu, ao ouvir à Chica, estremeci, e desde então muitas vezes pergunto a mim mesmo, compungido, se me não caberá uma grave responsabilidade na victoria da Republica, por me não ter atrevido a offerecer o garrano do padeiro ao major Sequeira.

Ora, claro está, que juntando-se esta consideração que tinha pelo major ao facto de lá ir a Chica todos os sabbados, eu não faltava nunca ás *partidas* do illustre militar.

E' certo que essas *partidas* não me divertiam muito, mas... emfim... antes passar uma noite aborrecida em cada semana, de que suppor o major Sequeira que eu preferia outras distracções ás suas *partidas*.

De resto... ainda que eu lá não quizesse ir, a Chica é que me não consentia que lá não fosse...

E a Chica, coitadinha!... não é porque ella não me desse completa liberdade para fazer o que entendesse... mas era assim como a Republica... ampla liberdade... ampla liberdade, mas com a condição de só fazer o que ella quizesse.

Em todo o caso, confesso, as *partidas* do major Sequeira não me divertiam nada.

A Chica, logo que entrava, ia lá para a sala onde estavam as senhoras em volta da meza de serão e punha-se a bordar toda a noite.

Eu tinha de ir para a outra sala onde os homens passavam as horas fumando, conversando e jogando.

E ahi o que me custava mais era ter que atutar o Sousa, um coronel, que desatára a ser tão republicano, tão republicano, que dir-se-hia recear não ter tempo, antes de chegar a general, de se desforrar de ter sido toda a sua vida tão monarchico, tão monarchico.

Logo que eu entrava o coronel dirigia-me, n'um vozeirão, com uma palmadinha no hombro:

— Olá! seu thalassa!...

Eu, entre os dentes, respondia-lhe com um sorisso nos labios:

— Olá! sua besta!

Elle passava logo, para me arreliar, a enumerar as cousas maravilhosas que a Republica fizéra d'um dia para o outro. O major Sequeira, prudentemente, com o pedido de reforma demorado no ministerio, acenava em silencio com a cabeça.

Algumas vezes eu tentava protestar, mas o coronel berrava logo, n'uma gritaria que se ouvia por todo o predio:

— Não, isso não, amigo Anselmo... Não me defenda a Monarchia... Era tudo uma sucia de ladrões...

— Mas, coronel...

— E' isto que lhe digo... Ainda hontem o João de Menezes, na Brazileira, me contou... Ora que foi que elle me contou?... Não sei... não me lembro... Assim uma cousa... Eu não precebi bem... Mas, emfim, uma ladroeira... Não, lá isso não, amigo Anselmo, não me defenda a Monarchia!...

— Está bem, não defenderei, respondia eu já maçado com a berraria.

E ia por entre-portas olhar a Chica que lá na meza de serão continuava bordando com uma furia que parecia que lhe estava dependente do acabamento do bordado o pão de toda a familia.

Algumas vezes ella desviava a vista para o meu lado e lançava-me de lá um olhar luminoso d'aquelles seus lindos olhos que, quando me fitavam, me davam a impressão de duas janellas illuminadas abrindo sobre a escuridão da noite.

Momentos depois as janellas fechavam-se sobre o bordado e eu, reconfortado, voltava para a outra sala, a contas com o coronel:

—Pois, senhor coronel, permitta-me que lhe diga que isso tambem é exaggero... A Monarchia tinha algumas causas boas.

E o coronel, que já n'essas alturas estava às voltas com o chá, concordava, amaciado, cravando os dentes na torradinha:

—Não digo que não, amigo Anselmo, não digo que não... Eu sou imparcial... E ainda hoje lá no quartel conversando com o cabo quarteleiro lhe estive dizendo...

E interrompia-se se para limpar no bigode a manteiga que escorria da torradinha fofa:

—Eu lhe estive dizendo: *Olha lá, 325, que a Monarquia em algumas causas era correcta.*

—E elle... elle o que dizia? perguntava eu ancioso por saber impressões dos postos inferiores do exercito.

—Elle?... Elle parece que não gostou.

—Ah!... não?

—Não... Calculo que não gostou, porque me voltou as costas dizendo-me com mau modo: *A modos que o meu coronel se me está sahindo muito thalassa!*

—E V. Ex.a?...

—Eu?!... Eu calei-me... Que queria o amigo Anselmo que eu dissesse?

—Que diacho!... Qualquer cousa... porque, emfim, a disciplina...

Mas já o coronel me interrompia, n'um gesto rapido, pondo o pedaço da torrada no pires, para levar o dedo à face a repuchar o olho:

—Tó carocho!... N'essa não cahia eu, que elle é muito capaz de ser carbonario e eu não estou para historias!...

E voltava a beberricar golinhos de chá, emquanto eu tornava para entre portas a olhar a Chica, a minha Chica, e a pensar commigo que, fosse eu o cabo quarteleiro e fosse a Chica o coronel, e eu veria onde ia parar se me lembrasse de lhe responder torto!

ANSELMO.

trecho encontram a sua natural accalmação, e que se normalisam por si.

—As multidões vão sendo mais cultas.

—Nem por isso mais conscientes. O papel dos *meneurs* é o de dramaturgo; os actores são as multidões.

—Foi absolutamente o que se deu em Portugal. O 5 d'outubro de 1910 é um exemplo da thése do snr. Gustave Le Bon. Foi obra d'uma liberrima propaganda, a que o instincto, o quasi-genio demolidor dos *meneurs* republicanos se entregou especialmente nos ultimos tres annos, que procederam a republica.

Gustave Le Bon tomava Portugal pela Hespanha

—Todavia em Portugal a monarchia parece ter-se incompatibilisado com a nação, pelos seus desmandos de dinheiro. A Familia Real diz-se que devia aos cofres do Estado, os homens publicos parece que eram tão venaes como os de Hespanha. Eu não conheço Portugal, mas conheço alguma coisa de Hespanha, e creio que em Hespanha o politico é venal. Contam-me que, quando alguem quer um contracto com o Estado, leva ao ministro o *dossier* do seu projecto, e, entre as folhas do *dossier*, mette notas de Banco. O ministro folheia, e, se o requerente não chegou ao preço, diz: *examinei o seu projecto, mas parece-me que não estão aqui todos os documentos. Depois juntará o que faltar.*» Quer dizer; a quantia é insufficiente, depois mandará mais.

—Desconheço os bastidores da politica hespanhola, e a consciencia dos seus homens. Mas, embora isso assim seja, o sr. Gustave Le Bon não supponha que o mesmo acontecia em Portugal.

—São tão parecidos, portuguêses e hespanhoes!...

—Tanto como um teutão e um gaulez. O povo português é de todo differente do hespanhol. O português é aceado. As casas são caiadas, brancas, purissimas; todas as semanas, aos sabbados, nas casas das nossas aldeias, e em algumas da cidade, ao norte, a cosinha é passada com uma mão de cal. Usamos poucos tapêtes e não enceramos os soalhos: o chão é lavado a agua e sabão todas as semanas. Casas terreas ou casas de tres andares, são de alto a baixo escanhoadas todos os sabbados. O *habitat* hespanhol é escuro, lobrego. Eu estive agora n'uma povoação hespanhola. Na *fonda* onde me alojei, reclamei um *bidet*. A estalajadeira foi levar-m'o, e contou-me esta historia: «*Este objecto foi o dr. X... que m'o deu. Elle andava para casar. A noiva era minha amiga. No dia de Reis, dia de presentes cá na terra, o doutor pediu-me que fosse ao consultorio d'elle, e levasse commigo a noiva d'elle. Fomos as duas. Quando cheguei vi dois grandes embrulhos, eguaesinhos: era um para a noiva outro para mim. E o doutor explicou-me para o que servia, e pediu-me que ensinasse o uso á noiva. Eu cá não sei se ella tem usado o d'ella. Este garanto eu ao senhor que nunca serviu: está novinho em fôlha. E pode correr o pueblo que não encontra senão este e o da casa do douctor.*» Ora côrra o snr. Gustave Le Bon as mais miseras aldeias portuguêsas, vá ao casebre do nosso pequeno lavrador: verá n'uma corda, ou no coradouro, uns farrapitos a seccar; estarão a cair aos pedaços, ou cheios de remendos, mas estão lavadinhos. O nosso homem do campo nunca se deita sem lavar os pés. E nas casas do pobre encontra-se um perfume que em Paris se não tem por dinheiro nenhum: o cheiro a roupa lavada. São differentes os habitos, differentes as linguas. O português é litterario, musical, lingua para escrever saudades e affectos. O castelhano é um idioma de brigões. Um poéta português dizia que quando tinha saudades de praguejar ia para Hespanha. Não sei, e não acredito que os estadistas hespanhoes sejam assim mal-aceados de consciencia. Os portuguêses lhe asseguro eu que não se parecem com esse exemplo que me deu. A republica abriu inqueritos ás repartições, e até hoje não se viu publicado um relatorio que convencesse de ladrão um funccionario da monarchia. O homem publico português morria pobre, e vivia atrapalhado. Antonio Rodrigues Sampaio emprestou quatro libras a um homem que foi para o Brasil; passados annos, o emigrante voltava rico, e reembolsava o Sampaio que lhe agradeceu assim. «*Veem em muito boa occasião; estava precisado de comprar um par de calças.*»

Julguei que os dois povos se parecessem fraternalmente.

—Nada, absolutamente nada! São inadaptaveis no feitio e no coração.

—Não gostam um do outro?

—Detestam-se. A Hespanha poderá invadir-nos; mas nunca nos conquistará. E' um odio de raça.

—Assim visinhos?

—Por isso mesmo. Conhecê-mo-nos melhor. Não nos parecêmos, a politica portuguêsa não lembra essa que me descreveu agora; a monarchia não caiu incompatibilisada com a nação!

—Como se explica, então, o abandono em que caiu o regimen?

"A Asneira grossa„ da republica—exclama Gustave Le Bon

—Muito simplesmente: pela incompetencia do pessoal que a representava. Em Portugal vivia-se em pleno feudalismo politico. Os homens não se renovavam, a campanha das opposições gastava-lhes o prestigio, e os homens politicos suppunham poder viver do prestigio que da o poder. Assim foi, durante muito tempo, até que o prestigio do poder desappareceu, e já nem o Poder prestigiava os homens nem os homens que o assnmiam prestigiavam o Poder. Era a botija d'agoa quente que se põe aos pés, dentro da cama e que se se adormece com ella, acaba por os arrefecer mais do que o que estavam. Havia uma selecção regressiva: sahiam da Universidade, já apontados os partidarios d'um e d'outro senhor feudal. Para se ser governador civil, deputado, era preciso e bastante ser formado em Direito. O paiz cahira nas mãos dos bachareis.

—Ah! a grande praga! Isso devasta um paiz! O primeiro cuidado de Napoleão I foi banir os advogados. Não ha gente mais ignorante e mais malefica!

—Pois, em Portugal caiu uma chuva d'elles!

—E o exercito? Não estava elle divorciado da realêza?

—O exercito estava divorciado dos politicos que governaram após o regicidio; o exercito estava sobretudo desgostoso da fraqueza de que os governantes deram provas, perante a opposição republicana, após o 1.º de fevereiro. O exercito é como as mulheres: não direi que como as mulheres, goste que lhe batam mas gosta que os seus homens batam. Mas divorciado da realeza tanto não estava que ha officiaes presos, e ha officiaes pobres que se demittiram para conspirar.

—Conspirar?! Os senhores julgam possivel uma restauração? Pensam n'isso?

—Sim, senhor.

—E para quê?

—Não ha liberdade em Portugal, nem liberdade de imprensa, nem liberdade individual.

—O povo quer lá saber de liberdade, sabe lá para que isso serve!..:

—A finança é um desastre, confessado pelos proprios republicanos. O *defficit* cresce, com uma velocidade variadamente accelerada, a emissão fiduciaria é uma vertigem...

—E' grave, mas não como argumento de uma restauração não me satisfaz.

—O commercio, desde as mercearias ás modas está por arames...

—Abalos! Isso passa! Outro argumento...?

—Desde que o commercio fecha ou não vende, a industria não podia deixar de paralysar; o operario soffre-lhe as consequencias.

—E' triste, mas tem remedio. Outro augmento...?

—Impotos crescentes, propriedade desvalorisada, emigração em massa, desvio da população fluctuante que deixava oiro no paiz. O português vae aos milhares para o Brazil e não vem sequer ás centenas como dantes, ver a familia, e trazer o seu oiro á terra. A *boycottage* do producto português no Brasil esteve votada pela colonia portuguêsa: foi El-Rei D. Manoel que pediu que o não fizessem.

—E' angustioso, mas pode ser que passe. Outro argumento?...

—Vive-se em plena demagogia, prende-se encarcera-se na Penitenciaria presos politicos. Os proprios governos não teem força para dominar a *carbonaria*.

—E' o Terror! Já vivemos assim em França, durante annos. Venha outro argumento...

—A lei da separação da Igreja do Estado...

—Ah! *la plus grande bétise!* Agora sim, agora sou eu que lhe digo: fazem a restauração quando quizerem! A lei de Separação! Não é preciso mais nada! Teem restauração!...—exclamou Gustave le Bon.

JOAQUIM LEITÃO.

CHRONICA
da Vida Nacional

Foi, ha mezes, decretada a inutilisação das corôas reaes, que sobrepujavam o escudo nacional, nos frontespicios e no interior dos monumentos, templos e repartições publicas. Poucas porem, ainda chegaram a ser destruidas, pois parece faltar coragem aos encarregados de pôrem em execução essa medida, como se recúa, durante muito tempo, em nos desfazermos d'uma joia ou recordação de familia.

No Porto a primeira victima do camartello foi a corôa, que ornava o escudo do Governo Civil, nas vésperas de 5 de Outubro passado, para o cortejo commemorativo d'esse anniversario não ser ferido pelo symbolo da realêza, quando alli se dirigisse a saudar a primeira authoridade do districto.

AOS MONARCHICOS

Tenho em deposito grande variedade em papel de carta com facha azul e retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manoel II, lapis azul e branco, berloques para pulseiras, argolas para guardanapos com a linda bandeira azul e branca, botões para punhos, passe-partouts com retrato e bandeira, chatelaines, lindos distinctivos com bandeira e retrato, photographias em ponto grande com retrato de Sua Magestade El-Rei D. Manuel II e do Senhor D. João de Almeida.

Grande variedade em Postaes com os ultimos retratos de Suas Magestades a Senhora D. Amelia e o Senhor D. Manoel II, Sua Alteza o Principe D. Affonso e os snrs. Azevedo Coutinho, Ayres de Ornellas, dr. Annibal Soares, Alvaro Chagas, Paiva Couceiro, dr. José A. C. Branco e muitos outros artigos.

Preço com grande desconto aos revendedores.

Todos estes artigos pagam os direitos alfandegarios com ordens superiores; por essa razão não podem ser **apprehendidos,** pois são objectos de meu commercio.

Pedidos a

J. Monteio Pereira

Rua do Loureiro, 72—PORTO

Chegou agora a vez ás corôas do tribunal, em S. João Novo. Fez-se uma pausa, e continuar-se-há aos poucos, pois a tarefa parece ser fatigante e quasi tão antipathica como, no passado, a do executor da alta justiça.

Em que se fundou o governo para tal medida? Em ser a corôa a recordação do poder real? Mas não passou esse attributo para a Republica, que, dentro da nação, exerce a soberania, de mesmo modo que os representantes da realeza?

De certo ninguem pensou que esse symbolo é o das nacionalidades independentes. Só ellas tinham o direito de encimar os seus escudos com as corôas fechadas, regalia defeza aos paizes sujeitos ao predominio de outros mais poderósos.

Sendo pois a corôa o emblêma das nações, senhoras dos seus distinos, e portanto inherente á dignidade de primeiro magistrado do paiz, que só podia pôl-a na fronte, ou pelo direito da força ou pelo que lhe concedia a lei fundamental d'essa nacionalidade, é um contrasenso reduzil-a a fragmentos, pois, ao scindil-a, o camartello não inutilisa as recordações do regimen, que ella representa. Não se destróem assim as corôas; não se inutilisam d'esse modo os sceptros; não se rasgam por esse processo os mantos de arminhos, qne pendiam dos hombros dos reis. Em 40 annos de Republica ainda a França não arrancou da sua heraldica as flores de liz da casa de França, nem as abelhas symbolicas do primeiro Imperio. Lá continuam a ostentar-se, pois ninguem póde negar que aquella prodigiosa nacionalidade, o seu poder, as conquistas da sua civilisação, foram obra dos reinantes, que os ligaram á historia do seu paiz e da humanidade.

Não menos gloriosos, que os da França teem sido os nossos feitos. A corôa e o manto dos reis que firmáram e expandiram o poder da nossa nacionalidade não se reduzem a pó, como não se pulverisam as paginas em que os nossos poétas e os nossos sabios deixaram o testemunho do seu talento, projectando n'ellas os jactos brilhantes que irradiaram do seu cérebro, e que deslumbraram a côrte opulenta e culta do Duque de Borgonha, com as paginas do *Amadis* e a erudição de Humboldt, maravilhado por os sabios portuguezes dos séculos XV e XVI terem estudado os phenómenos da natureza e previsto o arrôjo dos emprehendimentos, que a sciencia moderna pretendia serem devidos á sua iniciativa.

Tudo isso foi obra da realeza. Elle não brandiu apenas a espada; não brilhou simplesmente pelo fulgôr das sêdas e das pedrarias; foi mais alem:—organisou e acalentou todos os impulsos, que podessem servir de alavancas para tirar o predominio commercial e politico ás republicas italianas, curvando ao nosso dominio um imperio colonial tão vasto, como ainda algum outro pôvo pôde conseguir e deslumbrando o Universo com um poderio, como só depois Carlos V pôde ostentar.

Se a Republica aspira a apear do seu pedestal a obra dos nossos reis, que consiga primeiro tornar-se tão illustre e poderosa, como elles fôram; que conserve ao menos, intregra, a herança d'esse passado e a não amesquinhe por processos, que nem lhe dão gloria nem força.

Que pratique, se para isso tem elementos, um acto capaz de engrondecer a alma nacional, de leval-a a inspirar-se n'uma grande aspiração, que levante os corações dos portuguezes e provóque applausos dos estrangeiros, pois, desde 5 de Outubro até hoje, o coração dos poétas, dos pintores, dos esculptores, dos maestros, e dos estylistas, ainda não teve uma palpitação que se concretizasse n'um ideal, grande pelo heroismo e sublime pela concepção!

ANTONIO LANÇA

Chronica do theatro

Sá da Bandeira — As encantadoras operettas allemãs continuam fazendo as delicias dos numerosos frequentadores deste theatro.

—Muito brevemente sobe à scena a operetta alemã *O soldado do chocolate*, que é um dos maiores successos theatraes.

—Os bailes de mascaras no Salão continuam sendo concorridissimos.

Aguia d'Ouro — O quadro novo *A apanha dos ratos*, com que foi ampliada a revista *Deixa correr...* é uma fabrica de gargalhadas. Todos as noutes ha numeros novos.

Carlos Alberto — Realisa-se esta noute a recita de homenagem á distincta artista Cremilda de Oliveira subindo à scena em *première* a operetta *Amor de zingaros*, em que a homenageada tem uma verdadeira creação.

Colyseu de Variedades — Todas as noutes dois bellos espectaculos em que tomam parte todas as celebridades da explendida companhia.

—Brevemente novos e sensacionaes numeros.

—Aos domingos ha matinée ás 4,30 da tarde e baile de mascaras à meia noute.

Olympia — A revista *Peço a palavra*, com o quadro novo *No atelier*, repete-se, com enorme successo, todas as noutes em em duas sessões.

CINEMATOGRAPHOS

Jardim de Passos Manoel — As interessantissimas sessões cinematographicas, onde são exibidas os melhores *films* das principaes companhias e os deliciosos concertos no *hall*, pelo sextetto Görner, conseguem que este elegante salão seja o *rendez-vous* da primeira sociedade.

—Está aberta a assignatura para os distinctos bailes *masquées*, realisando-se, hoje o primeiro da serie.

Salão High-Life — Os programmas n'este *cine* são variados e magnificos. Todas as noutes ha estreias de sensação.

Salão Pathé — Este elegante salão continua sendo muito concorrido em virtude da empreza conseguir que alli sejam exibidas as *fitas* de maior actualidade.

—Brevemente um explendido *film* de 1.500 metros.

A TODOS CONVEM SABER

Que para se obter agua absolutamente pura é indispensavel fazer uso d'um Filtro Chamberland Systema Pasteur, o unico capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas. Approvado pela Academia de Medicina de Paris. Academia das Sciencias, «Premio Montyon» Pedir catalogos illustrados a

J. L. MEYRELLES

Depositario para Portugal e Colonias

Rua Nova do Almada, 79, Lisboa

V. Pinto de Faria

Commissões, Consignações e Conta propria

R. de D. Pedro, 110—2.º PORTO

Acceita representações de casas nacionaes e estrangeiras

ALBANO RAMOS PAES

CASA DE MODAS E CONFECÇÕES

Rua do Coronel Pacheco, 3—PORTO

Telephone, 393 End. telegr. **Novidades**

Sortido completo em todo o genero de tecidos para vestidos de passeio e vesita.

Especialidade em tecidos para toilletes de cerimonia.

Unica casa que tem sempre as ultimas novidades em guarnições para vestidos.

Enxovaes para casamento, para o que tem pessoal habilitadissimo.

Atelieres de vestidos e roupa branca

Empreza Nacional de Navegação

PARA A COSTA OCCIDENTAL D'AFRICA

Sahidas em 7 de cada mez:

Para a Madeira, S. Vicente, S. Thiago, Principe, S. Thomé, Landana, Cabinda, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, e para S. Antão, S. Nicolau, Sal, Boavista, Maio, Fogo, Brava, Bolama, e Bissau; com baldeação em S. Vicente.

Sahidas em 22 de cada mez:

Para S. Thiago, Principe, S. Thomé, Cabinda, S. Antonio do Zaire, Ambrizette, Ambriz, Loanda, Novo Redondo, Benguella, Mossamedes, Bahia dos Tigres e Caboandel para Fogo, Brava, Maio, Boavista, Sal, S. Nicolau, S. Antão e S. Vicente, com baldeação em S. Thiago.

Para carga e passagens trata-se no escriptorio da Empreza

RUA DO COMMERCIO, 85 — LISBOA

Magalhães & Moniz, L.da

LIVRARIA EDITORA

Depositarios da Imprensa Nacional

Venda de livros nacionaes e estrangeiros de ensino, arte, sciencias e lettras.

Agencia de assignatura para todos os jornaes e publicações

Correspondentes em todo o mundo

CASA FUNDADA EM 1873

11—Largo dos Loyos—14—PORTO

A EUROPA

PADARIA, CONFEITARIA E PASTELARIA

R. da CONCEIÇÃO, 71 a 75 ✻ **R. das OLIVEIRAS, 108 a 128**

TELEPHONE, 651

Padaria montada em harmonia com as disposições emanadas da fiscalisação dos Productos Agricolas, fornece toda a qualidade de pão e com especialidade o Pão de Luxo, Vienna e outros. Distribuição aos domicilios de manhã e á tarde, observando-se n'estas a mais rigorosa hygiene e completo asseio.

O serviço de panificação está franco a qualquer hora do dia ou da noite. Bolachas, biscoitos, tosta dôce e azêda. Vinhos finos e de consumo, tintos e brancos, engarrafados, licores e champagnes cervejas nacionaes e estrangeiras.

Aguas mineraes e mais genero congeneres.

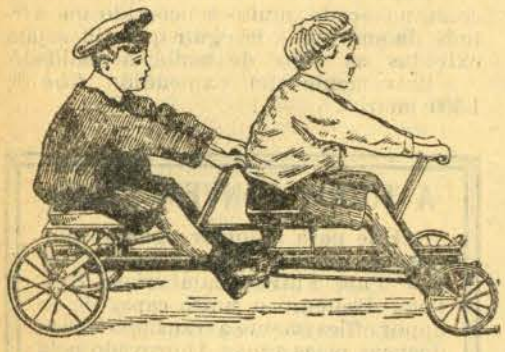
CHÁ, CAFÉ CACAU, DOCE FINO, FRUCTOS DOCES e SECAS.

Fabrica de pregos e ferragens para malas

A unica no Paiz que fabríca todos os artigos para confecção de malas de viagem

PEDIR CATALOGOS E PREÇOS AO DEPOSITO

RUA DE D. PEDRO, 110—2.º **PORTO**



Aos paes que velam pela saude de seus filhos, recommendo este apparelho, porque é tambem aconselhado pelos mais distinctos clinicos.

Bazar Esmeris

Cleigos, 70

CASA ROCHA

Armazem de artigos de verga e palha

(Antiga casa do Chalet do Bolhão)

Cadeiras e cestas da Ilha da Madeira

73, Praça do Bolhão, 74—PORTO

CASA DOS LINHOS

ARTIGOS PARA BORDAR

Raphael Pereira dos Santos

Fornecedor dos principaes Collegios do Paiz

288-Rua de Fernandes Thomaz-290

PORTO

N'este estabelecimento encontra-se enorme sortido de pannos de linho e atoalhados.

Artigos para collegios e enxovaes

Enviam-se amostras para a Provincia

EXECUÇÃO RAPIDA

PREÇOS SEM COMPETENCIA

VIDRARIA MODERNA

VENDAS POR JUNTO E A RETALHO

Augusto Gomes dos Santos

Completo sortido em louças, vidros, crystaes, molduras e outros artigos proprios para brindes

Telephone, 1139

Rua Sá da Bandeira, 195 a 199—PORTO

AGENCIA DE LEILÕES

DE

Antonio Coelho Relvas

Rua do Bomjardim, 494

(Proximo á rua Fernandes Thomaz)

Encarrega-se de fazer leilões em casas particulares, tanto no Porto como nas provincias. Recebe moveis á comissão para serem vendidos em leilão no seu bazar na rua do Bomjardim, 494.

Seriedade nas transacções.

O agente, *Antonio Coelho Relvas.*

"ADESIVOS E MAKAVENCOS,,

Chegou nova remessa d'estes magnificos bacios á casa

"AU BON MENAGE,,

81, R. de Cedofeita, 85 **Teleph. 942--PORTO**

Casa especialista no fabrico de colchões de arame, colchões de folhelho, lã, crina, e summauma

Unica colchoaria no Porto que possue um bem montado serviço de esterilisação e desinfecção pelo vapor sob pressão.

O proprietario,

Julião D. Monteiro